O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 2 DE NOVEMBRO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:841

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Questão local.—O monumento a El-Rei D. Luiz I.—O diploma de deputado.—Portugal em Africa.—Demonstração de sentimento.—Cartas politicas.—Noticiario.—O novo reinado.—El-Rei.—O movimento commercial.—Indicações salutares.—Alexanere da Conceição e Camillo Castello Branco.—Carta de Lisboa.—Carta de Fozcoa.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Parte official.—Folhetim: A dama das camelias.—Correio de Lisboa.

AVEIRO

QUESTAO LOCAL

O partido progressista apurou e recommenda á consideração do collegio eleitoral, como candidatos á vereação d'este concelho e á junta geral do districto, os seguintes cidadãos:

CAMARA MUNICIPAL

Vereadores effectivos

Francisco Manuel Couceiro da Costa, proprietario.

Dr. José Rodrigues Soares, professor do lyceu e proprietario.

Avelino Dias de Figueiredo, pharmaceutico e proprietario.

Antonio Euzebio Pereira, proprietario.

Manuel da Rocha, industrial e proprietario.

João José Rodrigues, proprietario.

Antonio Vieira dos Santos, proprietario.

Antonio Antunes d'Abreu e Mello, proprietario e industrial.

Manuel Dias dos Santos Ferreira, proprietario.

Vereadores substitutos

Ricardo José da Silva, proprietario.

Marcellino Thomaz Vieira, proprietario.

Pedro dos Santos Coutinho, proprietario e industrial.

Manuel Simões, proprietario.

Matheus Ferreira Zangorrina, proprietario.

Manuel dos Reis, proprietario e industrial.

Albino José Pinto de Miranda, pharmaceutico.

Manuel Ferreira da Trindade, proprietario.

Bernardo Duarte dos Reis, proprietario e industrial.

PROCURADORES Á JUNTA GERAL

Visconde de Valdemouro, proprietario.

Manuel Firmino d'Almeida Maia, proprietario.

Substitutos

Francisco Elias dos Santos Gamellas, proprietario e industrial.

João Bernardo Ribeiro, Junior, pharmaceutico.

Como se vê, na lista acham-se representadas todas as classes, a propriedade, a lavoura, e a industria. O povo d'esta circumscripção foi contemplado, dando-se partilha ás freguezias ruraes, que teem tanto direito como a cidade a elegerem os seus magistrados municipaes. Conciliaram-se *d'este modo todas as conveniencias* legitimas. Attendeu-se a todos os melindres justificados. Ninguem pode, por tanto queixar-se de omissão ou commissão.

O partido progressista teve em vista principalmente fazer eleger homens de boa vontade, conhecedores das necessidades concelhias, e que dotados de bastante civismo, tivessem o sufficiente desprendimento para desempenharem funcções, cuja iniciativa pode e deve ser proveitosa para esta circumscripção administrativa. Foi procurar a aptidão onde se achava de harmonia com as indicações da opinião publica.

Preceitua o Cod. Adm., que nenhum cidadão pode ser eleito tres vezes successivas para os cargos administrativos. E com quanto a lei não tenha effeito retroactivo, entendeu e muito bem o sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, que estava inhibido de apresentar o seu nome á consideração do concelho, que o queria, porque faz justiça á sua boa vontade e ás energias do seu caracter indomavel, que não conhece difficuldades, e a cuja coragem e dedicação Aveiro deve tantos e tão relevantes serviços. E foi assim que elle deliberando ha muitos mezes não propor-se, só a custo e com sacrificio consentiu em se deixar eleger procurador á junta geral.

Registramos aqui o facto como digno de ficar archivado, e sentimos que os escrupulos de tão infatigavel como prestimoso cidadão, o retirassem da plana, onde tem sabido grangear nome e simpathias. Factos são estes que ninguem póde contestar, porque existem e bem gravados na consciencia publica.

Não sabemos, nem nos importa saber, se ha ou não outra lista. A da grande maioria do concelho é a que ahi fica estampada, pedindo para o seu triunfo o apoio e o voto não só dos nossos correligionarios politicos, mas tambem dos nossos dedicados amigos pessoaes.

O MONUMENTO A EL-REI D. LUIZ I

Sobre tão ponderoso assumdto, escreve o *Tempo*, e nós concordamos plenamente com a ideia do nosso collega, o seguinte:

Por entre as homenagens rendidas á memoria do saudoso soberano, appareceu a idéa de se erguer um monumento que perpetuasse a memoria do rei sympathico e bondoso, cuja morte prematura todos por egual deploram.

Varios alvitres teem sido indicados por diversos collegas nossos, mas entre elles parece-nos que merece especial menção o que hontem foi suggerido pelas *Novidades*. Adherindo por isso ao pensamento fundamental que a todos inspira, perfilhamos sinceramente a idéa apresentada no seguinte artigo, que gostosamente transcrevemos:

A nossa idéa achou um apoio geral de sympathia. O alvitre da estatua deve considerar-se abandonado; e, se o não fôr, nem por isso logrará vencer. Para o rei, que foi a *bondade*, quer-se alguma coisa de *bom*, que não seja a frieza do marmore, ou a inutilidade decorativa do bronze. E' preciso não só que falle, mas que acaricie e console.

Um nosso presado collega, e adversario politico, o *Jornal da Noite*, é um dos que concordam plenamente com este modo de vêr. Mas, concordando com a idéa fundamental nossa, lembra outra fórma de realisação. Nós tinhamos indicado a construcção de um hospital de alienados, pela qual vivamente se interessava o saudoso monarcha; o *Jornal da Noite*, cujo redactor principal teve ensejo de conhecer uma outra orientação phylantropica de el-rei, indica a construcção d'um bairro de casas baratas para familias pobres de operarios. Nos ocios, que lhe sobravam da politica e das letras, eram estas cogitações as que de preferencia o preoccupavam!

Não fazemos questão da nossa indicação, nem repudiamos a do *Jornal da Noite*. Só fazemos questão da idéa fundamental; preferir a um frio monumento decorativo, o monumento d'uma instituição de phylantropia, que perpetue para as bençãos populares o nome do monarcha fallecido. Esta idéa admitte um grande numero de soluções. E ahi vamos lembrar outra, talvez preferivel a qualquer das duas já expostas, porque teria a vantagem de affirmar e representar n'um symbolo de caridade o favor de sentimentos de familia, que eram affectuosissimos, e a continuidade da tradicção dynastica, que é a base do nosso regimen politico.

Sua magestade a rainha D. Amelia, ainda quando princeza, inspirando-se nos exemplos de sua augusta sogra a rainha D. Maria Pia, mandou estudar um plano, e depois elaborar um projecto definitivo, para um *sanatorio*, bairro de saude, ou como melhor deva chamar-se-lhe, destinado a recolher temporariamente e tratar as *mulheres e creanças pobres*, com tendencias para a phtysica. Esta terrivel doença faz entre nós mais victimas, pela sua acção constante, do que as fizeram as invasões do cholera e da febre amarella. E' o grande monstro, que ceifa vidas nas cidades sem descançar um dia. E muitas d'essas victimas, caem porque a tempo, ao accentuarem-se as disposições para a molestia, não recebem um tratamento idoneo, nem teem alimentação adequada e abundante. Ar do mar, iodado e são, e temperatura tepida, são duas das condições principaes para um tal estabelecimento.

Na zona maritima, comprehendida entre o Estoril e as proximidades do cabo da Roca, ao abrigo da serra de Cintra, ha mais d'um local apropriado para este effeito. E consta-nos ser esse effectivamente o sitio escolhido. A temperatura ali, no rigor do inverno, é sempre mais alta do que em Lisboa, pelo menos dois graus, o que é uma grande differença. As mulheres e as creanças, tão abandonadas dos poderes publicos, que ainda esperam pela protecção d'uma lei, cuja propositura vem já da iniciativa de Saraiva de Carvalho, teriam ali uma instituição, que em grande parte resgataria as culpas de tão reprehensivel abandono.

E seria realmente bonito, sympathico, de boa lição sob todos os aspectos, vêr levantar-se em honra da memoria e do nome de el-rei o sr. D. Luiz essa instituição, pela iniciativa e pelos esforços da rainha, que foi sua filha estremecida. Tão sympathico e tão bonito, como foi vêr em Madrid a rainha D. Christina lançar a primeira pedra d'um monumento piedoso á memoria da rainha D. Mercedes, que a antecedera no throno.

E' evidente que um estabelecimento d'esta ordem, como o hospital de alienados que primeiro lembráramos, não poderá fazer-se unicamente por subscripção publica. Não se poderia tambem fazer assim a estatua, aliás inutil e sem expressão. Mas os poderes do estado não se recusarão de certo a concorrer com o que á subscripção falte, como concorreram para o hospital, que tem o nome da sr.ª D. Estephania, e para o asylo, que tem o nome da sr.ª D. Maria Pia. Ahi fica esta nova lembrança, que, pelo presente, é a que mais nos agrada.

O DIPLOMA DE DEPUTADO

O *Estarrejense* dá-nos, no seguinte artigo, circumstanciada noticia de que alli se passou quando ao illustre deputado eleito o sr. Francisco Barbosa, foi apresentado o seu diploma.

«Chegaram na segunda-feira 28, a esta villa, vindos d'Aveiro, os portadores das actas eleitoraes d'este concelho, trazendo comsigo o diploma de deputado conferido ao ex.mo sr. Francisco Barbosa do Couto Cunha Sotto-Maior, pelo suffragio dos povos d'Estarreja. O diploma foi entregue ao nobre deputado pelo illustradissimo reitor de Beduido, na presença dos portadores das actas e d'um numerosissimo concurso de dedicados amigos, que affluiram de todas as partes do concelho, para, por esta occasião, felicitarem o seu representante em côrtes.

O dignissimo reitor, precedeu o acto de que estava incumbido, com um brilhante discurso, no qual descreveu as qualidades e eximias virtudes do ex.mo agraciado, congratulando-se com os presentes e ausentes, por terem mostrado o seu desprezo a essas torpissimas calumnias, com que foi coberto o nome illustre, do venerando representante d'este concelho, e affirmaram junto da urna eleitoral, que a mentira, os aleives e a maledicencia, ainda que arteiramente manipadas, não influiram no animo sereno e convicto da maior parte dos filhos d'esta terra. Concluiu com uma enthusiastica saudação ao digno deputado, sendo acompanhado por todos com um caloroso *viva*.

O ex.mo sr. Francisco Barboza recebeu o diploma no meio de verdadeira compuncção e disse que era tão intima a sua gratidão, tão arreigado o seu reconhecimento, que jámais poderia olvidar a honra que pela segunda vez, acaba de receber dos povos d'este concelho. Agradeceu as expressões que lhe dirigiu o ex.mo reitor de Beduido, e concluiu por declarar que jámais se esqueceria d'este concelho, que ama e estima como se fôra uma parte do seu coração. Em seguida convidou todos os amigos para acceitarem um copo d'agua, que lhes offerecia, em prova do seu reconhecimento.

Abriram-se então os salões de s. ex.ª e o espectaculo que elles offereciam, era na verdade, deslumbrante e fascinador. As serpentinas debruçadas das paredes, por entre fastões de verduras, desprendendo-se do centro um enorme candelabro repleto de luzes, davam áquella parte da casa de s. ex.ª uns tons phantasticos, atravez das sanefas de damasco, que sobrepunham em largos cortinados, com bordaduras antigas. No centro do salão, uma extensa meza profusamente decorada com uma indisivel variedade de dôce, e artisticamente disposta. Aos lados, os aparadores atulhados de garrafas dos mais generosos vinhos e licores. A cada passo se ouvia o «estallar» das garrafas de «champagne» e os «hurrhas» estrugiam calorosamente.

O ex.mo José Maria Vilhegas, brindou o ex.mo deputado, sua ex.ma mãe, irmãs e filhos presentes e ausentes, e ainda os eleitores independentes d'este concelho, que se não deixaram arrastar pela seducção, nem pela veniaga.

Seguiu-se o exm.º administrador d'este conselho que n'um rapto d'oratoria, e em poucas mas eloquentes palavras, brindou pelo exm.º Francisco Barbosa, pelo partido progressista, pelo exm.º conselheiro presidente do conselho de ministros e pelo exm.º Francisco Mattoso de Castro.

Succedeu-lhe o exm.º sr. dr. José Maria d'Abreu Freire que em phrase limada e correcta, brindou pelo auspicioso futuro d'este concelho, tendo por seu representante o exm.º sr. Francisco Barboza. O ultimo brinde estava reservado para o sr. Domingos Graça, advogado nos auditorios da Povoa de Varzim. Cheio de fogo e enthusiasmo, desenrolou, em poucas, mas vehementes palavras o quadro sympathico d'estas festas, tocando de leve nas peripecias eleitoraes e brindando emfim, pelos eleitores progressistas d'este concelho. O enthusiasmo então, tocou as raias do delirio.

Cá fóra, nos jardins do exm.º deputado, tocavam duas bandas de musica, á luz de milhares de lumes, que davam á frontaria da casa, ao jardim e ao escadario, um todo brilhantissimo, attrahente, phantastico!!!

E a profusão das bandeiras, e galhardetes, e o incessante estoirar dos foguetes, das bombas e dos morteiros, debaixo dos balões que fendiam os ares em todos os pontos da villa, eram o sobejo testemunho da subida estima que este povo consagra áquelle distinctissimo cavalheiro.

Esquecia-nos informar os nossos amaveis leitores, de que o ex.mo sr. Francisco Barboza, á frente de duas musicas, e de numerosissimo concurso de povo, percorreu as ruas e praças d'esta villa, sendo victoriado por toda a parte onde passava. Os jardins da casa de s. ex.ª e a rua fronteira que diz para a das Amoreiras estavam repletas de povo, sendo quasi impossivel o transito. N'um dado momento appareceu n'uma sacada, aquelle advogado Domingos Graça, a quem já nos referimos e fallou ao povo, relembrando-lhe o quanto foram justos em escolher para seu representante o ex.mo Francisco Barboza. Discursou por algum tempo innumerando os serviços que s. ex.ª tem prestado a este concelho, e concluiu por um viva ao ex.mo deputado Francisco Barboza, que foi correspondido enthusiasticamente.

Eram quasi onze horas da noite quando todos se retiraram para sua casa alegremente satisfeitos.»

E' sempre pouco tudo o que se fizer em honra de tão benemerito cidadão. O sr. Francisco Barbosa honra a terra em que nasceu e honra o partido em que milita.

PORTUGAL EM AFRICA

E' do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

O *Manchester Guardin* publica um artigo, affirmando que ha poucos mezes esteve imminente o rompimento de um conflicto no Zambeze entre os representantes da Inglaterra e de Portugal. Uma carta de Blantire, datada de 16 de agosto ultimo, dizia que o major portuguez sr. Serpa Pinto subiu o Zambeze á frente de uma expedição de 700 zúlús bem armados e que se dispunha a atacar o rei dos Makololos. O consul inglez Johnston chegou n'esta occasião á embocadura do Zambeze no navio inglez *Stork*. Penetrou na bocca do Chinde e subiu o rio até *Vicenti* n'um barco a vapor. Tendo-se transportado a bordo do *James Stephenson*, grande vapor da *African Lakes Company*, subiu ao Shire em marcha para o territorio dos Makololos e convidou-o a não seguir para deante, declarando-lhe que a consequencia da sua resistencia seria um rompimento formal entre a Inglaterra e Portugal. Em presença d'esta ameaça—continua a affirmar o informador do *Manchester Guardin*—Serpa Pinto começou a retirada, emquanto o consul Johnston, subindo o Ruo, foi distribuir pavilhões inglezes ás differentes tribus dos Makololos, com os chefes das quaes concluiu em seguida tratados de protectorado formaes.

A este respeito esclarece o nosso collega *Commercio de Portugal*:

«Esta é a versão do orgão dos interesses da *African Lakes Company*, versão em que merece especial reparo a confissão tacita de que antes da chegada do consul inglez ao paiz dos Makololos não existia alli nem sombra do protectorado britannico. Agora a verdade dos factos. O consul inglez M. Johnston partira de Moçambique para o Shire e Nyassa, levando um salvo conducto do governador geral portuguez. Indo em viagem, soube que, por causa de um dos vapores da *African Lakes*, cuja tripulação fôra atacada, o major Serpa Pinto se preparava para ir castigar a gente que assim procedera. N'esta conjunctura M. Johnston protestou, declarando que a região dos Makololos estava sob o protectorado da Inglaterra e que impediria qualquer acção que alli se pretendesse exercer em nome de Portugal. Em Blantire os agentes da *African Lakes Company* protestaram tambem no mesmo sentido.»

Toda a gente que conhece a energia e a bravura do major Serpa Pinto sabe que elle seria incapaz de admittir a sombra que fosse de uma ameaça e isso bastará para se acreditar que a ameaça de que falla o *Manchester Guardien* é simplesmente uma invenção dos nossos *fieis alliados*. Serpa Pinto o que fez foi communicar ao governador do districto de Quelimane o theor do protesto de M. Johnston, e a resposta não se fez tardar. Foi a seguinte:

«Constando de um telegramma do explorador portuguez o sr. Serpa Pinto, recebido hontem n'este governo pelas oito e meia horas da noite, que o consul geral de sua magestade britannica n'esta provincia, lhe declarára officialmente que a região habitada pelos Makololos está sob o protectorado inglez e que o intimára a não avançar no Shire, protesto energica e publicamente em nome do governo de sua magestade o rei de Portugal, contra o procedimento do mesmo consul, e declaro que hontem, em acto continuo á recepção do telegramma citado, fiz igual protesto por officio dirigido ao vice-consul da mesma nação n'este villa para o fazer constar ao seu governo. Governo do districto de Quelimane, 23 de agosto de 1889.—O governador interino, *José Ribeiro*, tenente-coronel.»

Por sua parte, o major Serpa Pinto e os officiaes da expedição respondiam á intimação do consul inglez com outro protesto. Serpa Pinto e Antonio Cardoso vieram a Moçambique conferenciar com o governador geral sr. Neves Ferreira. Noticias posteriores communicam que este brioso official, cumprindo nobremente o seu dever, não fizera caso dos protestos e que a expedição seguiu o seu caminho. Em toda a Zambezia esta imprudente e inopportuna intervenção do representante de Inglaterra causára a maior indignação. Cartas particulares, que temos á vista, são unanimes em condemnar o procedimento havido para comnosco, mostrando que se vão alli accentuando, por uma fórma, que de um momento para o outro póde ter graves consequencias, a hostilidade contra os inglezes.

DEMONSTRAÇAO DE SENTIMENTO

Alguns operarios do pharol d'Aveiro lamentando a perda do muito respeitado e nobre monarcha portuguez, S. M. F. o sr. D. Luiz I, para mostrar o sentimento que os seus antepassados sempre respeitaram, circulando-lhe nas veias o sangue descendente das heroicidades de outr'ora, não podendo provar quanto por elles foi sentida a perda d'um monarcha exemplar, um protector do commercio e industria, bom pae, bom irmão, e o symbolo da caridade, fizeram baixar ao muito digno chefe o ex.mo sr. José Maria de Mello de Mattos, o seguinte requerimento:

Ill.mo e ex.mo sr. engenheiro chefe da 1.ª secção da 2.ª circumscripção hydraulica.—Os abaixo assignados, para commemorar a infausta morte do bondoso monarcha sr. D. Luiz I, protector do commercio e industria, um dos primeiros que tem volado pela pobreza, luctando com todos os embaraços e difficuldades para a proteger, acompanhando no doloroso transe porque acaba de passar Sua Magestade a Rainha e seus augustos filhos, mostrando commover-lhes o seu sentimento, desejam guardar luto o meio dia da tarde de 26 do corrente, em que tem logar a trasladação do cadaver do muito chorado monarcha. Por isso

Pedem a v. ex.ª se digne conceder-lhe licença para que elles abandonem o serviço.

E R. M.

Pharol d'Aveiro, 26 d'outubro de 1889.—*José da Cruz, Adriano Ribeiro Machado, João da Silva, Gustavo Garcez, Manuel José de Bastos, Luiz Ferreira da Costa, José Antonio de Pinho, Pedro Simões, João Campanhã, Gremoalde Costa, José de Souza, Silvino de Barros, Antonio Albuquerque.*

Segue-se a ordem de agradecimento expedida pelo ex.mo chefe:

ORDEM DE SERVIÇO

Tendo-me enviado o apontador José da Rocha Martins Junior, em officio datado de hoje, uma petição dos operarios do pharol de Aveiro, em que rogam licença para perderem meio dia dos seus jornaes, guardando assim o luto pela morte de Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz I e commemorando assim o dia do funeral de tão chorado monarcha, determino ao mesmo apontador que faça constar aos operarios assignados na mesma petição, que foi com grande commoção que tive conhecimento do modo como elles souberam sacrificrr os seus interesses á grande provação porque acaba de passar o nosso paiz. Julgo, porém, do meu dever, a par do profundo que manifesto pela maneira digna porque se comportaram os operarios do pharol de Aveiro, fazer-lhes declarar que entendo dever propor aos meus superiores que, pelas verbas a despender nas obras do pharol, lhes seja abonado o vencimento que elles espontaneamente querem perder, associando-se assim á dôr pungente da Familia Real que os operarios já mencionados vieram evidenciar o quanto está ligado ao povo portuguez pelo amor mais do que pelo respeito devido a um dos poderes do Estado.

Forte da Barra, 26 d'outubro de 1889.

José Maria de Mello e Mattos,
Engenheiro chefe de secção.

CARTAS POLITICAS

Lisboa 1 de novembro de 1889.

Os boatos politicos pozeram em alvoroço os alviçareiros, e para os calar foi preciso fazer correr, que só depois das eleições municipaes haveria novidade grauda nas altas esferas da administração. Elles, os novelleiros, deram a recomposição ministerial como assente, saindo o sr. Beirão, da justiça, e o sr. Castro, da guerra, o primeiro por ter ficado em minoria na eleição do Porto, e o segundo por doença. Infelizmente esta ultima versão é verdadeira. Quanto á primeira porém não me consta que a votação do collegio portuense tenha ou possa vir a ter semelhante resultado. Já em tempo da regeneração, o sr. Hintze, que se apresentou pela maioria, foi o menos votado dos tres candidatos, e não reza a historia que elle saisse do ministerio por essa circumstancia.

Talvez fosse boa politica o sr. Beirão mudar de pasta, passando por exemplo para a marinha, mas isso é lá com o sr. presidente do conselho, que tem de attender a uma certa razão de ordem, que os profanos não alcançam. E quanto a mim, a recomposição far-se-ha breve, não só porque está á porta a abertura das côrtes, mas tambem por que o sr. Castro está sériamente impossibilitado de exercer o logar, e o sr. Barros Gomes não deseja continuar a gerir os negocios da fazenda. E por se saber isto, que s. ex.ª não occulta a ninguem, é que muitos aventaram a hypothese da entrada para a fazenda do sr. Oliveira Martins, ao verem-no sair eleito á ultima hora por Tondella, quando tinha declarado que não se proporia por nenhum circulo.

Mas, se o meu horoscopo é correto, não é o sr. Oliveira Martins quem vae para a fazenda, não porque lhe falte competencia, mas porque havia antes do seu nome o d'outro cavalheiro, geralmente indigitado para aquella pasta, e que tem no partido progressista muitas simpathias. Quero supôr que a escolha do sr. Pereira de Miranda, par do reino, conciliará todas as vontades, havendo só a vencer as repugnancias de s. ex.ª.

A isto me leva a crer o procedimento ultimo do sr. Oliveira Martins, que foi de proposito para prejudicar a sua candidatura (?) de ministro, pelo menos agora. S. ex.ª como as gazetas fallassem do seu nome, indigitando-o para a fazenda, acceitou o logar de redactor do *Jornal do Commercio*, levantando assim no seu entender a muralha da China entre a sua pessoa e a pasta, que muitos cubiçam, mas que na verdade não é muito para desejar. Seria este o intuito de s. ex.ª? O tempo se encarregará de nol-o demonstrar.

Para a pasta da guerra falla-se muito no sr. Francisco Maria da Cunha, actual director do collegio militar. Realisar-se-ha a versão? A distinctos militares ouvi eu abonar a competencia do sr. Cunha para aquelle logar. Fazem-lhe os mais rasgados elogios os que vivem na sua privança, dando-o como homem sabedor, e apresentando-o como capaz de dar ao nosso exercito o tom e o lustre de que carece, para se tornar o que deve ser. E no que digo sou apenas eco da opinião dos outros, porque nem sequer o conheço pessoalmente. Sei todavia que tem feito excellente logar como director do collegio, o que é já uma garantia, com quanto não possa comparar-se o estabelecimento da Luz com o ministerio da guerra.

— O desdobramento da lista progressista, no Porto, deu logar ás patacuadas do dr. Arroyo, que tem talento, mas em quem não abunda o senso commum. E quem mais concorre para os seus destemperos tribunicios, são os aduladores que o rodeiam, que o exploram, em vez de lhe moderarem as guinadas.

Que o sr. Arroyo havia de ser eleito, *sabiam-no todos, por isso que* havia de ter votos para se fazer eleger pela minoria. Supor o contrario era um erro, cujas consequencias, faceis de prever, só não foram palpitadas pelos dirigentes da politica local. A esquerda não tinha votos na cidade da Virgem; os que alcançou foram tirados aos progressistas, que se depauperaram com a sangria, além de se evidenciar, que muitos centos de progressistas votaram com a opposição regeneradora por pirraça ao sr. Corrêa de Barros.

Ninguem póde negar as desintelligencias que ha no Porto entre os trunfos da mesma grey. Além d'isto reina um certo descontentamento por causa do malogro de aspirações mais ou menos justificadas. E tudo isto concorreu, para que a votação do dr. Arroyo sobrepujasse a dos seus adversarios. Ora nomeiem para o Porto quem alli conciliе as cousas, quem dê garantias a todos os elementos progressistas, e verão se eu me engano nos meus prognosticos.

Mas foi aquella illusão optica que deu coragem aos regeneradores, que estavam tão abatidos na vespera da eleição, que até fizeram com que o rei de Paredes passasse aos hombros para o seu circulo o *puer Ascanius*, tanto receavam a derrota no Porto. Mas é que não contavam com os dois factores que trabalhavam com elles, a saber, o descontentamento de muitos influentes progressistas, e a impopularidade do candidato esquerdista, a quem como homem de sciencia todos prestam homenagem, mas que não possue dotes politicos e por tanto faltam-lhe as simpathias publicas.

Mas a eleição do Porto foi um accidente sem consequencias apreciaveis. E se os homens vão á eleição da camara com grande estardalhaço, não é por confiarem no seu triunfo, mas por lhes parecer mal desamparar a urna, quando pelo menos podem ter a minoria. E ainda assim para a terem precisam de desacreditar os adversarios, dizendo que elles fizeram centro politico dos paços do concelho, quando os regeneradores pretendem escalar aquelle reducto, para fazerem d'elle o seu nervo de existencia, o seu centro de operações eleitoraes. Ora quem os não conhecer que os compre.

— O sr. Consiglieri Pedroso, que teve logar distincto no directorio republicano, que foi na camara passada deputado d'aquella grey, que criou ha pouco um jornal republicano com a denominação de *Debates*, já não é nem membro do directorio, nem deputado, nem proprietario do indicado jornal, cuja propriedade e direcção passou. O sr. Magalhães Lima, que era vereador da camara de Lisboa, declara tambem que não quer continuar, prescindindo por isso de ser eleito. Está em pleno esphacelamento o *partido* republicano da capital, e o que succede aqui está succedendo em Hespanha. Vão pois seguir nova orientação politica os raros membros d'aquella agrupação em desordem.

— O *Diario Popular* fallando da eleição de Villa Nova, diz e com graça o seguinte:

«Os negociantes de vinhos de Villa Nova de Gaya—os que elegeram o sr. Rodrigues de Freitas—mostram-se irritados, por lhes lembrarmos os 40 contos de despezas. Parece julgarem que o eleito não merecia o sacrificio. Vale mais ainda, estejam descançados. O que lhes deve doêr é que os republicanos se dêem ares de haverem trazido o sr. Freitas ao parlamento,—elles que não fizeram despezas e que abram subscripções para fazer listas. Mas, emfim, antes os negociantes mandem dizer asneiras contra nós do que deitem no vinho mais agua do que é costume.»

E' muito natural que assim succeda.

— E com isto ponho ponto á minha carta, que vae já extensa e eu não quero estopar os seus leitores.

H.

NOTICIARIO

Commemoração dos fieis defunctos.—E' hoje que a egreja commemora a passagem d'esta á outra vida, e por isso os templos se vestem de crepes e se enchem de piedosos christãos, que vão rogar a Deus pelo eterno descanço dos que lhes foram mais caros na terra, e tambem vão em romaria ao cemiterio saudar a memoria dos seus maiores e dos que tanto amaram. E' a triste romaria dos mortos—a romaria das dolorosas recordações e das lancinantes saudades!

E' um dia sagrado para todos os que tem alma, porque não ha ninguem que não tenha um ente na eternidade, e por isso a egreja commemora os que partiram das nefastas agitações d'este mundo de tribulações e se refugiaram no eterno descanço das campas. Assim essa cerimonia passou da liturgia catholica para os habitos da vida social, e não ha ninguem que tenha na sepultura um parente, ou um amigo, que n'este dia não solte uma prece no templo e não verta uma lagrima no tumulo.

Aqui é costume no cemiterio estarem as capellas e as campas adornadas com flôres e lumes, sendo grande a concorrencia alli de vizitantes.

O dia dos fieis defuntos é pois um dos maiores e dos mais solemnes dos que tem crença, fé e a religião das saudades e do amor!

Missa.—O sr. José Maria de Mello de Mattos, digno chefe da 1.ª secção da 2.ª circumscripção hydraulica, mandou rezar uma missa na capella da Senhora dos Navegantes, sita junto ao Forte da Barra d'Aveiro, para suffragar a alma do muito chorado monarcha, assistindo a este religioso acto todo o pessoal empregado nas obras a seu cargo.

Notas da carteira.—Já regressou da Torreira á sua casa de Jafafe, a ex.ma sr.ª D. Maria da Silva Pinho, illustre descendente d'um dos homens mais de bem de que este districto foi berço.

— Sahiu já d'Espinho para a sua casa de S. Pedro a respeitabilissima sr.ª Baroneza de Palme, e seus estremecidos filhos.

— A' sua residencia de Valle Maior regressou tambem d'alli o nosso presado amigo sr. Augusto da Silva Santhiago, muito digno prior d'aquella freguezia.

— Regressou da barra o sr. Manuel José Brandão e sua ex.ma esposa.

— Em consequencia do mau estado do tempo, não poude reunir hontem a junta geral do districto.

Emilio Augier.—A proposito da morte de Emilio Augier, os jornaes de Paris contam anedoctas, que se referem aos inicios litterarios do eminente dramaturgo, e reproduzem os ditos e phrases, que melhor caracterisam o homem. O anno passado, fallando de Labiche, que fallecera dias antes, disse: «Era um bom homem de genio». Augier vivia uma existencia muito discreta, conservando-se systematicamente afastado do bulicio e sempre superior á intriga. Ha annos, como um escriptor lhe pedisse algumas notas para compôr a sua biographia, Augier respondeu-lhe: «Nasci em 1820, e de então para cá, nada me succedeu». Quando foi director do Theatro Francez, Arsenio Houssaye teve uma linda phrase a proposito de Augier: «Com elle, sente-se a gente em boa companhia, nas regiões do espirito humano».

Uma anedocta:

Ahi por 1830, dois rapazes entravam, perturbadissimos, no gabinete do director da Porte Saint-Martin, que, ao cabo d'um anno de espera, lhes escrevera, prevenindo-os para que apparecessem. Havia tanto tempo que esperavam uma resposta favoravel! Iam emfim decidir-se a representar a peça... Emfim! Visto que os convidaram a ir ao theatro, era evidentemente para tratar da escolha dos interpretes.

— Eu quero o Frederico Lemaitre! dizia um.

— Eu quero o Bocage! acrescentava o outro.

E o coração pulsava-lhes com força. Essa peça, que haviam escripto de collaboração, durante os seus ocios de estudantes de direito, ia abrir-lhes a carreira litteraria. Era toda a sua esperança. O director appareceu.

— Fez-nos chamar, disse um dos dois amigos. Que deseja?

— Ah! sim, queria dizer-lhes que me livrassem do manuscripto do seu drama. Occupa muito espaço no meu archivo... E o titulo, só o titulo me irrita: *Carlos VIII em Napoles*... O assumpto é absurdo... Como demonio poderam suppôr que eu pozesse um tal mistiforio em scena?

Os dois amigos iam desfallecendo.

— Renuncio ao theatro, exclamou o mais velho.

— Eu continuo, disse o outro.

Os dois auctores dramaticos chamavam-se Nogent-Saint-Laurens, que mais tarde foi um ornamento de fôro, e... Emilio Augier.

Promenores dos ultimos momentos.

Emilio Augier teve uma agonia de 25 horas. Morreu no seu gabinete de trabalho, transformado em alcova. Estava deitado n'um leito de ferro, muito simples. O semblante conservou a sua expressão habitual de serenidade.

Esquadra Japoneza.—Foi deitado á agua, em Toulou, o cruzeiro *Itsukushima*, da marinha de guerra do Japão. Este vaso é de aço com um deslocamento de 4:277 toneladas. O seu armamento consistirá em um canhão de 32 centimetros, collocado em uma blindada; 11 e 12 centimetros, seis de tiro rapido e doze canhões-rewolvers; as suas machinas desenvolvem a força de 5:400 cavallos para obter 16 milhas de velocidade. Construem-se outros identicos ao *Itsukushima* em França e no Japão. Este paiz, cuja civilisação augmenta dia a dia, possue uma forta composta de uma fragata couraçada, 15 cruzeiros, seis canhoneiras, um transporte e dois avisos e em breve augmentará com oito torpedeiros e cruzeiros com todos os progressos da arte naval, formando um total de 36 vasos com 221 canhões.

Prisão de salteadores.—Já foram presos em Hespanha oito dos ladrões, que na noite de 22 do corrente assaltaram a casa do sr. Antão Veiga, em Figueira de Castello Rodrigo, roubando dinheiro e objectos de oiro no valor de 14 contos. Os presos são todos hespanhoes. O roubo foi quasi todo apprehendido.

Os bichos do queijo.—Refere um jornal estrangeiro que um estudante suisso entreteve-se a calcular o numero de microbios contidos no queijo Emmenthal.

Segundo o analysta, o queijo Emmenthal encerra de 90 a 120:000 microbios em cada gramma, podendo augmentar o numero, ao fim de algum tempo, até 800:000 bacterios. No queijo molle o numero de microbios é muito maior, pois contém aos trinta dias depois do fabrico 1.200:000 bacterios por gramma, e aos quarenta e cinco, dois milhões. A população do queijo não está, porém, distribuida egualmente, sendo os mencionados numeros applicaveis apenas ás regiões centraes. No centro do queijo ha menos bacterios que nos extremos, onde se encontram ás vezes de 3 a 5 milhões de microbios por gramma. Tomando a média d'estes numeros, vê-se que, em trezentas grammas de certas qualidades de queijo, ha tantos seres vivos como de almas existem no planeta que habitamos.

Polvora sem fumo.—A fabricação da polvora sem fumo, que encontra na Allemanha certas difficuldades, causa egualmente serias preoccupações ao ministerio da guerra da Austria. O ministerio tinha mandado experimentar, durante o verão, uma polvora que, se se fôsse a acreditar as primeiras informações publicadas pela imprensa, dera bons resultados. A excellencia d'esses resultados é desmentida agora pela *Militaerzeitung* que diz, ao contrario, que n'este outomno decidiram-se a fazer experiencias com uma nova polvora sem fumo, a qual vem a ser superior á antiga. No estado livre, arde mais lentamente, e produz uma chamma d'uma singular côr vermelha. Tem uma força impulsiva superior tambem á da outra.

O NOVO REINADO

E' das *Novidades* o seguinte artigo:

Escaceiam os horoscopos. O futuro, por não se apresentar carregado de trevas, nem por isso deixa de ser menos mysterioso. Os aruspices não se atrevem a profundal-o. E' como o ceu, que ainda em noite de limpido luar esconde na profundidade do espaço uma immensidade de segredos.

Se os horoscopos escaceiam, em compensação abundam os conselhos. Todos se inspiram em intenções patrioticas; e quasi todos revestem uma fórma insinuante e persuasiva. Mas n'isto de conselhos, por maior que seja a isenção de quem os dá e mais afervorado o sentimento que os inspire, corre-se o risco de suggerir como norma de salvação geral um ponto de vista strictamente pessoal, e de se pautarem regras para um largo mundo, que ha a reger, como se elle se contivesse no ambito estreito traçado pela projecção da sombra do proprio individuo. Cada eminencia tem um horisonte com accidentes proprios; e, das mais altas, vêem-se as mais baixas com os relevos, que pareciam importantes, tão esbatidos que se confundem na uniformidade da mesma planura. E' por isso que o nosso conselho ao moço rei é, que provisoriamente ponha de quarentena todos os conselhos, e em suspeição todos os conselheiros. Nós, como os outros!

Não desejamos, por modo algum, que o reinado do sr. D. Carlos I seja a continuação governativa do reinado do sr. D. Luiz, de saudosa memoria. Foi um reinado de paz e tolerancia, como se tem dito; mas crêmos sinceramente, e em mais d'uma occasião o dissemos, que ellas se approximavam rapidamente dos limites extremos, em que deixam de ser beneficio publico e se fazem calamidades. Armand Carrel escreveu algures: *une société, qui jouirait d'une paix perpetuelle, tomberait bientôt en pourriture.* O influxo dissolvente d'essa tolerancia, a que já Teixeira de Vasconcellos chamava com mordente ironia a *brandura dos nossos costumes*, é evidente, e assombra os estrangeiros, que d'ella teem conhecimento. A indisciplina social, em que nos debatemos, avisinha-se da anarchia. E' por isso que, se houvessemos de escolher modelos para o novo rei, desejariamos antes que continuasse o reinado do sr. D. Pedro V, do que prolongasse o reinado do sr. D. Luiz I. Este deve ter-se por completo e encerrado. O outro foi apenas esboçado. Aurora esplendorosa, que a tormenta listrou de coriscos e apagou n'uma lutuosa catastrophe!

Sampaio, o velho Sampaio, cujo scepticismo final resultava d'um profundo conhecimento dos homens e das coisas do seu tempo, disse em um dos seus ultimos artigos, que «se alguem ainda n'este paiz tinha força esse era o rei.» *Se*, escreveu o grande publicista. Sampaio duvidava, que até o rei a tivesse. E suppomos que a duvida era apenas uma concessão de cortezania. A verdade é que nem o rei a tinha! Não a tem o madeiro, que deriva na corrente, nem o navio, que sem norte e sem rumo fluctua em meio do oceano á mercê dos caprichos das vagas e dos ventos.

Este, o nosso grande mal! Não ha uma força, em que a vida do paiz se apoie, e que o restaure e levante. Para reinado novo, politica nova, diz-se por ahi. Assim devia ser. Mas a formula é reproducção de outra já usada como proficua mésinha para achaques partidarios: a vida nova. Receiamos que tenha os mesmos estereis ou tristes resultados. O modo como em todos os agrupamentos foram recebidas as exhortações, feitas por alguns collegas nossos, a que do coração nos associámos, para uma politica de concentração em todos os partidos, e de acalmação nas relações entre uns e outros, concentração e acalmação, que seriam amparo solido ao novo reinado, o qual, por isso mesmo que é novo, carece de ser protegido; a má vontade mal disfarçada de muitos, a hostilidade aberta de alguns, e o desdem benevolo do maior numero por essas concepções de espiritos qualificados de demasiado impressionistas e utopistas, provam-nos á saciedade o que ha a esperar da regeneração dos partidos, effectuada por movimento espontaneo e proprio: nada. A tal respeito não nutrimos as mais pequenas illusões. Não será da evolução dos partidos, que resultará a força governativa, de que se carece!

*

Poderá ser o novo rei essa força?!

El-rei é moço; mas ainda é mais inexperiente, do que pela sua mocidade deveria suppôr-se. Uma auctoridade, demasiado ciosa das exterioridades das suas prerogativas, arredou-o do trato dos homens publicos e do conhecimento dos negocios muito mais do que convinha á sua educação de principe herdeiro. As regencias, que exerceu, de caracter meramente provisorio, não podiam modificar as consequencias pouco favoraveis d'este afastamento. El-rei é tambem, talvez por isso, um timido. Quem tinha a honra de ser recebido pelo principe D. Carlos, ás primeiras vezes achava-o secco e frio. A seccura e frieza eram apenas o pudor da timidez, que no sr. infante D. Affonso ainda é mais accentuada. Em maior desafogo, o sr. D. Carlos era expansivo, amavel, d'uma conversação animada, e já variadissima de instrucção. Aquelle regimen, de que fallamos, se lhe opprimiu talvez um pouco o natural desenvolvimento do seu caracter, felizmente não lh'o deformou. Felizmente, dizemos, porque é d'elle que esperamos a salvação. Inexperiente e timido como é, el-rei é, não obstante, um caracter, uma vontade, uma personalidade, como foi sua avó a sr.ª D Maria II, como se annunciou, que o seria, seu tio o sr. D. Pedro V. Como o não foi seu pae, o sr. D. Luiz I! Esse caracter, se souber conservar-se, essa vontade se souber exercer-se, essa personalidade se souber impôr-se, darão essa força, de que o paiz precisa, e que os partidos, no estado em que se encontram, são incapazes de crear ou de supprir.

As circumstancias, pessoaes umas, como as indicamos, e outras da natureza mais geral mas imperiosas, condemnam o moço rei a nada alterar, a nada recompor, a nada promover por agora. Achou-se de repente, e sem preparação idonea, sob o peso de grandes responsabilidades. Não é um madeiro, que tenha de derivar na corrente; não é um navio desamparado, que se entregue á mercê dos caprichos das ondas e dos ventos; mas é um principe reflectido, que precisa de firmar pé, de ver pelos seus olhos, de conhecer pela sua razão, de se illustrar pelo seu proprio estudo, de sondar todos os meandros, de tactear todas as veredas, para depois poder caminhar com segurança, firme, resoluto, pela sua propria força e prestigio, sem muletas, avido de gloria para si e de felicidade e grandeza para a sua patria!

E' assim que o desejamos, e é esta a nossa esperança. Diremos tambem que é esta a nossa suprema ambição. Porque se essa esperança se realisar, e nós virmos o renascimento da vida social no nosso paiz sob a protecção d'essa égide soberana, cujas excellencias conhecemos, embora o carro triumphal do novo rei, pelas exigencias inexoraveis d'essa reformação politica, tenha de passar distante denós, ou sobre nós, que seja, o nosso grito sai do do fundo de alma como uma saudação e um incitamento, será este: ávante!

Plenamente d'accordo com as ideias expendidas pelo nosso auctorisado collega das *Novidades*.

EL-REI

E' da *Esquerda Dynastica* o seguinte artigo:

Pensêmos no filho pela memoria abençoada do pae; lembrêmo-nos da sua mocidade aureolada de esperanças; attentêmos no reinado que se inicia e no momento historico em que o Principe sobe os degraus do throno. Pelos destinos da patria, preoccupêmo-nos com o futuro do rei.

Juntou-nos a magua em volta de um féretro; inclinaram-se as bandeiras em funeral, dobrámo os joelho n'um grande impulso de veneração. E' preciso pensar agora no paiz. Acompanhêmos ao panthéon o prestigioso monarcha, tornêmos-lhe o funeral uma apothéose, mas não nos esqueçamos do futuro, nem pela patria, que é tudo quanto ha de mais glorioso, de mais altivo, de mais santo, de mais peregrino para a nossa alma, nem pelo novo rei, que é uma radiosa mocidade a reclamar o nosso affecto e uma levantada esperança, que precisa da leal cooperação de nós todos.

Não é de cortezãos, dobrados aos pés como derviches, nem de corações que a mentira agite como thuribulos ante os degraus do throno, não é d'isto que o novo rei carece. Nem os precisa nem os hade querer.

Partidos que tenham ideáes, almas em que vibrem alto as aspirações da patria, conselhos em que se espelhe a consciencia, affectos em que a lealdade se affirme; eis do que o seu reinado carece.

Na volta do funeral é preciso que nos juntêmos em volta do throno. Juntos como os exercitos, cada partido como cada regimento ou como cada divisão; á frente o chefe, prestigioso e obedecido, nas fileiras a hierarchia que se firma nos meritos e nos serviços, a força de cohesão que se apoia na disciplina, a confraternidade que se inspira e afervora nos ideáes. Acima de cada agrupamento, grande ou pequeno, *pouco importa, sôlta ao vento, sobranceira* a todos, a bandeira partidaria—sobre as mesmas côres que assignalam a nacionalidade e sob o mesmo escudo que symbolisa a patria, a legenda, o timbre, a divisa de cada partido.

Nem cooperativas que um interesse multiplica e outro iuteresse dispersa, nem multidões que a confusão enfraquece e inutilisa. Partidos, dedicações, almas votadas a um sincero ideal, corações incendidos em uma paixão generosa. Mais ancia em servir o paiz do que em usofruir o poder, mais enthusiasmo pela honra da bandeira do que pela conquista das pastas.

Governe seja quem fôr, se governar bem, se tiver a nitida comprehensão dos seus deveres, se a todos nos honrar; se corresponder ás aspirações do paiz.

A hora deve ser de abnegações, não por um sentimento de fanatismo monarchico, mas por uma grave imposição de deveres patrioticos. Na politica, tal como na religião, o fanatismo dá apenas aberrações e iniquidades, conturba as consciencias e prostitue os cultos.

A hora é solemne e grave. Consolidar a obra epica da libe dade e a obra abençoada da paz, impulsionar a Renascença dos nossos progressos era uma tarefa laboriosa e benemerita, mas era uma tarefa em familia. Agora as difficuldades são immensamente maiores. Ha mais encargos e ha menos crentes.

O *deficit* de progresso é ainda avultado, e, com a continuação da tarefa antiga, temos a obra recente, a que apenas foi iniciada, a grande, a que temos de effectuar diante do mundo, sob a hostilidade inquebrantavel das ambições potentes. Temos de abrir o nosso caminho, como os sapadores levantam as parallelas—debaixo de fogo.

Portugal está muito mais rico, muito mais culto e mais conhecido do que era ha trinta annos. Mas está agora entre duas crises gravissimas—a da agricultura e das colonias.

A agricultura dá-lhe a sua maxima riqueza e as colonias, que são a sua maior força politica e a razão historica mais poderosa e mais brilhante da sua propria existencia, levantam-no até á cathegoria das grandes potencias, mas envolvem-no em problemas temerosos da politica europêa, mas atiram com o seu nome para cima da banca verde das chancellarias, onde o mappa de cada paiz é ás vezes uma carta que se joga audaciosamente. As colonias são a um tempo a nossa maior grandeza o nosso maior perigo.

Não debellar a crise agricola será a miseria, e não vencer a crise colonial será a ruina. Agora já se não póde fugir senão para morrer e já se não póde avançar senão para subir.

Somos uma nação de terceira ordem com os encargos de um imperio. Temos de sustentar uma obra de gigantes. Por muito que tenhâmos decahido, precisamos de mostrar que póde ainda com um imperio a pequena metropole que já manteve tres.

A raça é menos heroica, a tempera enfraqueceu no esforço excepcional de trezentos annos e as circumstancias são hoje bem mais difficeis para nós do que eram ha tres seculos. Sorriu a outros a fortuna que nos desamparou, engrandeceram-se outros com os nossos desastres, estão agora immensamente mais fortes os que nos são mais hostis. E, todavia, recuar seria fugir, e fugir seria morrer.

Com as forças e os recursos de uma grande potencia, o problema seria apenas melindroso e difficil, assim, é realmente gravissimo.

Somos poucos, ainda que sejamos unanimes. Dispersos e divergentes, seremos fatalmente vencidos. Cada um com a sua bandeira, mas todos pelo serviço da patria e em volta do throno.

Os reis constitucionaes não governam, mas, na esphera das suas legitimas attribuições, têem uma altissima cooperação na grande politica patriotica das nações. Não lhes pertence o esforço e a iniciativa directa, mas reflectem-se-lhe no throno os erros de quem governa. Precisam de excepcional valor, de lucido criterio, de austera consciencia para manter a supremacia do poder que representam, sem humilhar as prerogotivas ou invadir as attribuições dos outros poderes do estado; precisam de ouvir bem e comprehender lucidamente as aspirações da nação. Não podem fazer do throno um baixel aventuroso que as ondas arrastem caprichosamente. Devem tornal-o um fanal rutilo e altivo, cuja luz, de justiça, de patriotismo, de affecto, de equidade, irradie em todas as direcções e para todos os olhos, e em cujos alicerces inabalaveis rujam inuteis e se desfaçam em espumas todas as coleras iniquias e todas as ambições illegitimas.

A missão de um rei constitucional é um sacerdocio difficilimo e é um officio esperrimo. Difficilimo, ainda que tenha crentes ferverosos; asperrimo, ainda que tenha operarios dedicadissimos. Auxiliêmos o rei na sua ardua tarefa. Auxilial-o é servir a patria.

A hora dos sacrificios é para todos. E' d'elle o maior. Tinha flores ridentes e idyllios suavissimos a sua remançosa mocidade, pae e esposo amantissimo, e vae sentir agora os espinhos d'essa corôa fulgente que a tantos olhos deslumbra, e os encargos d'esse aureo sceptro, que a tantos parece uma insignia da fortuna e tantas vezes tem o peso de uma cruz!

Por muito intrepida que seja a sua alma, ainda que n'ella se reflicta a coragem epica de seus inclitos avós—Pedro IV e Victor Manuel—ainda que o afervorem a paixão civica de Pedro V e a *lição benemerita* de Luiz I, ainda que o exalte e anime a alma heroica de sua mãe—a missão será esmagadora, se alguem faltar a cumprir o seu dever. Desamparal-o seria uma torpe covardia.

Valha o funeral um acto de solemnissima contrieção e inicie-se em volta do throno uma era de politica, leal e patriotica.

Plenamente d'accordo.

O MOVIMENTO COMMERCIAL

E' do *Economista* o seguinte artigo:

Os resultados que o boletim estatistico aduaneiro dos primeiros 7 mezes do anno corrente, nos mostra, são, como já dissemos, dos mais auspiciosos para a situação economica do paiz. Evidenciam progresso effectivo, melhoria incontestavel da vida industrial do paiz, elementos novos d'actividade commercial. Se isto é prenuncio de cataclismo, então não sabemos como se caminha para a prosperidade. Annunciar que após a epoca das *vaccas gordas* ha de chegar a das *vaccas magras*, como uma novidade, como se a rotasão natural dos negocios não désse epocas mais favoraveis umas do que outras, e considerar d'antemão como invenciveis quaesquer difficuldades que possam surgir na vida economica da nação, é comtudo para quem se compraz em duvidar do paiz em todas as suas manifestações d'existencia, — é commodo, mas não é fundado.

Emquanto que em 7 mezes de 1888 tinhamos importado 2:250 toneladas de machinas industriaes, importámos em igual periodo de 1889 nem menos de 3:335 toneladas; as ferramentas de artes e officios importadas em 1888 foram 766 toneladas, nos mesmos 7 mezes de 1889 importámos 2:182 toneladas. Seria para guardal-os em museu desconhecido que importámos em 7 mezes essa enorme quantidade de utensilios e machinas industriaes, que valem muito mais de dois milhões de cruzados? Não, decerto.

Foi para elemento de trabalho nacional que fizemos essa importação; e se o trabalho augmenta, se se desenvolve, não podemos considerar perdida uma sociedade que assim procede.

Em 1888 importámos 269:353 toneladas de carvão de pedra, em 7 mezes de 1889 a importação subiu a 304:130 toneladas; de ferro coado, batido e laminado em bruto importámos, em 1888, cêrca de 34:841 toneladas, em 1889 a importação subiu a 41:807 toneladas; o ferro puchado á fieira passou de 2:381 toneladas a 2:856; a lã em rama passou de 2:886 a 2:910 toneladas; o algodão em rama de 3:331 toneladas a 4:279 toneladas; as materias primeiras para artes, livres de direitos, e não especificadas na pauta, de 3:460 toneladas para 4:271 toneladas; o chumbo em bruto passou de 1:638 para 2:042 toneladas.

O desenvolvimento d'estas importações não póde deixar de ser tido como de bom agouro, como de excellente symptoma para a nossa actividade economica e industrial.

E se nos referirmos ás exportações verêmos que já exportámos ferro em obra nacional pezando 603 toneladas, em vez de 506 toneladas que tinhamos exportado em 7 mezes de 1888; até o tabaco manipulado já está em 4:323 kilos, quando em 1888 não passava de 911 kilos.

Por outro lado vêmos que a importação de cereaes, n'estes 7 mezes de 1889, é muito inferior a de egual periodo de 1888, como se verá do seguinte quadro em toneladas:

	7 mezes	
	1888	1889
Trigo em grão....	85:319	64:831
» em farinha..	2:857	4:802
Milho em grão....	7:262	3:823
Cevada em grão...	222	—
	95:660	73:456
Menos em 1889....	22:204	

A diminuição nas qualidades de cereaes importados é de quasi 25 por cento. As exportações de productos agricolas, com excepção do vinho commum, tambem são boas; até exportámos 36:233 milheiros de laranja, em vez de 9:595 que foram os exportados nos 7 mezes de 1888; a sahida dos ananazes vae em augmento: passa de 141:342 para 161:312; a cortiça em bruto sobe de 12:559 toneladas a 14:229 toneladas; a cortiça não especificada de 3:557 toneladas a 4:309 toneladas; o gado suino de 5:272 cabeças a 7:532.

Tambem os mineraes tomam alento: ás 77:066 toneladas exportadas em 1888 correspondem este anno 67:734 toneladas, tendo subido o valor de 759 contos a 1:025 contos.

E por ultimo vamo-nos referir á importação do tabaco em folha: em 7 mezes de 1888 importámos 906 toneladas, em 8 mezes de 1889 a importação foi de 1:391 toneladas, justificando-se assim o que se tem affirmado de um largo desenvolvimento na venda dos productos da *régie*, e do mesmo passo demonstrando-se que a providencia legislativa adoptada em ultima instancia, sobre o imposto do tabaco, honra quem a propôz e defendeu.

Houve quem escrevesse apoiando o quadro do futuro. O artigo que transcrevemos responde cabalmente a quem escreveu no sentido opposto.

A verdade porém é a que ahi fica expendida por mão de mestre.

INDICAÇÕES SALUTARES

Apezar da publicidade, que lhe deu o *Diario Popular*, julgamos conveniente chamar a attenção dos nossos *leitores para o artigo, que em seguida* reproduzimos d'aquelle nosso collega:

«Os factos que se estão dando com as letras do credito real e hypothecario do Brazil confirmam as opiniões, que ha cerca de dois mezes expendemos n'este jornal e que foram bastante combatidas por certos papeis financeiros.

Diziamos então que a avidez de fazer negocios levava muitos bancos e banqueiros portuguezes a empenharem capitaes em papel brazileiro, que, não sendo cotado nos grandes mercados europeus, nenhum allivio nos prestaria em occasições de crise, que devem sempre ser previstas. Notavamos que era singular subscreverem os brazileiros com avidez emprestimos do estado, de que não tiravam mais de 5 0|0 e exportarem para Portugal papel que diziam de primeira ordem e que rende 6 0|0. Se tão bom era por que guardavam para si o papel de 5 0|0 e nos presenteavam com o de 6 0|0? Para generosidade parecia excesso em negocios e para negocio excesso de cegueira. Accrescentavamos que, se para realisação de lucros ou para encontrarmos dinheiro n'um momento de apuro, recorressemos ao Rio de Janeiro, em vão o fariamos, porque seria porta fechada.

Finalmente lembravamos a dolorosa crise resultante da especulação dos fundos hespanhoes em 1876, ou a que proviera dos negocios de minas e das operações *mal combinadas* da regeneração, que nos trouxeram angustiados até 1885 e que deram com os nossos fundos na misera cotação da 45 0|0.

Feitas estas advertencias estava a nossa responsabilidade liquidada, porque temos obrigação de advertir e não nos cabe o impulso nos negocios financeiros do paiz.

Podemos vangloriar-nos de que a nossa voz foi ouvida pelo maior numero, porque seguidamente falharam em Portugal varios negocios brazileiros de caracter pouco seguro, porque não proseguiram outros em projecto e porque conseguimos a recente publicação do regulamento das bolsas, que a muitas operações conseguirá obstar, se os governos forem vigilantes como é sua capital obrigação.

Outros, porém, combateram a nossa opinião, o que para esses era direito e para nós coisas absolutamente indifferente. Alguns continuaram nas especulações brazileiras e levaram agora a primeira lição nas letras do Credito real e hypotecario. Foi o caso que este papel subiu em Lisboa até 44$000 réis e subiu tambem bastante no Rio de Janeiro. N'esta situação, como houvesse apparentemente importantes lucros a realisar e como os nossos mercados começassem a estar menos abundantes de dinheiro, os banqueiros portuguezes trataram de mandar vendor papel no Rio de Janeiro, attendendo á alta. A resposta de lá foi que o negocio da venda não era possivel, porque a alta tinha por fim exportar papel para Portugal, mas não facilitar a sua venda no Rio. E como resultado de tudo isto as referidas letras baixaram até 42$000 réis, o que, attendendo a 1$500 réis de juros quasi vencidos, não chega a corresponder a 41$000 réis.

Lamentamos as perdas que soffrem muitos portuguezes, mas, se esta lição nos trouxer emenda definitiva, será um mal que deu em bem, porque assim evitaremos que, depois da crise dos fundos hespanhoes, depois da crise das minas e da crise das operações regeneradoras *mal combinadas*, venha a crise da papelada do Brazil.

Temos a maior sympathia pelo Brazil, nação nossa irmã, e applaudimos sinceramente os esforços que no imperio se fazem para regularisar a sua situação economica e monetaria, mas as qualidades da nação brazileira e o nosso affecto por ella não pódem levar-nos a esquecer os interesses portuguezes e menos ainda a applaudir especulações e especuladores, que nos pódem ser funestos. Recebida a primeira lição desejamos sinceramente que seja a ultima.

Mas não é só a respeito dos negocios brazileiros, que julgamos necessario prevenir o publico. Além da necessaria prudencia nos negocios internos, outros estrangeiros se apresentam com os quaes convem haver cautella.

A situação monetaria em Londres não é favoravel e não póde esperar-se que melhore antes de alguns mezes; a da Allemanha tambem se apresenta bastante apertada. Só em França ha desafogo por causa das quantias enormes, que a exposição universal levou a Paris. A Italia lucta com difficuldades que, sem terem a intensidade que a imprensa franceza por chauvinismo apresenta, são, comtudo, dignas de consideração. O Brazil e as republicas sul americanas não se cansam de sacar dinheiro da Europa. Pelo que a Portugal respeita, todos os factos estão revelando que a situação monetaria é muito menos desafogada hoje do que o era, vae n'um anno. As colheitas ora más em qualidade ora pouco abundantes contribuiram para a presente situação um pouco apertada, em que os reportes já se fazem a 5 1|2 0|0 e os descontos de 5 a 7 0|0. Tudo indica, portanto, quanta prudencia é precisa para evitar algum transtorno. Ora precisamente n'este momento, um pouco difficil, já nos apparece nova emissão estrangeira, a da Companhia dos caminhos de ferro do sul de Hespanha, a qual apresenta á subscripção publica 96 mil obrigações a 290 francos, ou o pedido d'um capital de 5:011 contos, sem ao menos haver a certeza dos seus titulos serem cotados na bolsa de Paris.

Ignoramos completamente se a linha de Linares e Almeria é boa ou má, não sabemos se a garantia do governo hespanhol é sufficiente ou insufficiente, facil ou difficilmente realisavel, mas conhecemos de sob a que no actual momento não nos convém operações que desfalquem os capitaes portuguezes. De modo nenhum pensamos em contrariar o respeitavel estabelecimento bancario, que em Lisboa abriu a subscripção, mas sômos abertamente oppostos a qualquer operação que promova agora exportação de dinheiro portuguez. Se no paiz ha reportes a 5 5 0|0 e descontos de 5 a 7 0|0, para que perturbar mais o mercado monetario com operações estranhas? Não faltam no paiz emprezas lucrativas e seguras. Não superabundam actualmente capitaes disponiveis para as necessidades interiores.

Portanto a respeito da Hespanha como a respeito do Brazil entendemos, que no actual ensejo o melhor é arranjarem-se os brazileiros no Brazil e os hespanhoes na Hespanha. Não queira Deus, que o começo d'um novo e auspicioso reinado seja entristecido por uma crise como a de 1876 ou de 1884 e 1885. Só da imprudencia ou da avidez cega de lucros póde vir o mal. Pois acautelemo-nos de imprudencias e não esqueçamos as lições do passado.»

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO
E
CAMILLO CASTELLO BRANCO

Do grande escriptor, que uma cruel enfermidade atormenta despiedada, recebeu um collega a carta e poesia, que em seguida publicamos. Não é, felizmente, a reconciliação de dois mortos, porque, a despeito dos soffrimentos do presente, temos a fundada esperança de que a vida de Camillo se conservará ainda por muito tempo para gloria das letras patrias. Não está morto o corpo, onde o cerebro ainda distilla joias tão preciosas. Mas é um abraço entre dois infortunios, e uma nobilissima homenagem, que tanto exalta a memoria do que a recebe, como o coração d'aquelle que a presta.

...*Senhor.*—Creio que já ninguem se lembra hoje de Alexandre da Conceição, fallecido ha 15 dias. Recordo-me eu com saudade, porque a sinto dolorosamente d'esse tempo em que elle e eu, com grande gaudio das galerias, esgrimimos algumas phrases insensatas, talvez aleivosas, e de todo o ponto inuteis. Cahimos ambos quasi a um tempo nas trevas eternas; mas elle é mais feliz, porque as não póde apalpar, com os braços inertes e cruzados sobre o peito.

Permitta-me v. que eu lhe offereça e ao seu jornal esta bagatella, que representa a reconciliação entre dois mortos.

Tenho a honra de me assignar

Lisboa—Casa de v. 24 de outubro de 1889.

De v., etc.,
Camillo Castello Branco.

—

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

(Ao Sr. Conselheiro Emygdio Navarro)

Bem me lembra que o vi, na juventude,
Rosado pela aurora d'essa edade.
Eram prismas d'amor e d'amisade
Os carmes do seu mystico alahude.

Sendo fatal que degenere e mude
A crença, o affecto e o bem da mocidade,
Sángram-lhe o peito espinhos de vaidade
Nos arranques da briga azeda e rude.

Mais tarde o encontrei. Já era o homem
Ralado por desgostos que consomem,
E põem na face um gesto acre e severo,
Se o seu bondoso riso era apagado,
Restava-lhe este honroso predicado:
Prégando o Socialismo, era sincero.

Outubro de 89.

Camillo Castello Branco.

CARTA DE LISBOA

31 DE OUTUBRO DE 1889.

Deu-se na manhã de hontem um caso sério de insubordinação militar, que podia ter tido graves consequencias. O regimento de caçadores 1 devia regressar a Setubal, d'onde tinha vindo para assistir ao funeral de Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz I. Seriam 9 horas, e estava o regimento formado no Terreiro do Paço, esperando a hora da partida do vapor, quando se apresentou á formatura um corneta em manifesto estado de embriaguez. Mal se podia suster nas pernas, e dava tão pouco accordo de si que deixou cahir o bocal da corneta, tendo o soldado de o apanhar, porque o corneta nem dava por tal. O coronel do corpo reparou no estado em que vinha o seu subordinado e mandou-o collocar perto de si. O corneta foi, mas momentos depois de estar na fórma começou a tirar as correias. O coronel perguntou-lhe o que estava fazendo, mas o corneta proseguiu na sua tarefa, tirando as correias e atirando com ellas para o chão. O ajudante do corpo chegou-se a elle para o reprehender e o corneta quiz aggredil-o com uma bofetada; um soldado e um sargento que successivamente o quizeram agarrar tiveram de desistir do seu empenho deante do chuveiro de soccos e pontapés com que o corneta, que parecia ter o diabo no corpo, os recebeu, acompanhando esta resistencia com termos capazes de fazer corar o regimento em pezo. Finalmente foi o corneta dominado e amarrado de pés e mãos, sendo conduzido á ponte dos vapores. Alli, porém, soltaram-n'o, e elle, sahindo para fóra, fez outra vez das suas, dando de novo um trabalhão para ser amarrado. Afinal o regimento embarcou, e o corneta lá foi amarrado para Setubal, onde o espera o calabouço, e mais tarde o conselho de guerra que inevitavelmente o ha de levar até Africa. Este facto não quer por fórma alguma dizer que o regimento de caçadores n.° 1 não seja um modelo de ordem e de disciplina, porque o sr. visconde de Villa Nova de Ourem, commandante de artilheria 4, que o teve alojado no seu quartel, a Santa Clara, fez-nos os maiores elogios a respeito da maneira como o corpo em questão alli se portou. Trata-se apenas do caso esporadico d'um corneta que se embriaga e fez inconscientemente desatinos, por certo muito reprehensiveis, mas que de fórma alguma pódem fazer pensar mal a respeito da disciplina do corpo a que pertence. De resto, o corneta em questão tem sido castigado varias vezes, e já fez parte da companhia de correcção de S. Julião da Barra.

— Aconteceu hontem um lamentavel desastre, que encheu de consternação toda a briosa corporação de artilheria. A nova, como todas as más noticias, espalhou-se rapidamente pela cidade. O sr. Annibal Guedes da Silva, segundo tenente de artilheria 1, dirigia-se hontem de sua casa para o quartel, quando na rua de Entre Muros o cavallo se desbocou. O official, ou tendo tido qualquer congestão, ou por precaução, cahiu ou atirou-se ao chão, continuando o cavallo a correr desenfreadamente. O sr. Guedes da Silva, quando o levantaram da rua, apresentava uma grande ferida no occipital e dava poucos signaes de vida. Conduzido immediatamente ao hospital militar da Estrella, quando alli chegou, já era cadaver. O infeliz devia casar no proximo sabbado com uma formosa menina, que a estas horas chora a sua desdita.

— Quando hontem, no 1.° districto, em audiencia geral presidida pelo sr. dr. Pereira Leite, se procedia ao julgamento do moço de padeiro João Rodrigues da Rocha, accusado de subtrahir a seu patrão, o sr. Joaquim de Sousa Dias, estabelecido na rua do Sol á Graça n.° 38, a quantia de 183$000 reis, producto de pão vendido aos seus freguezes, um dos jurados, o sr. José Maria dos Santos, *casquinheiro*, morador na rua do Sol ao Rato, n.° 47, recusou-se a prestar juramento aos Santos Evangelhos, declarando não seguir essa religião, mas que se prestava a jurar ou pela sua consciencia ou pela sua honra, caso isso lhe fosse admittido. O juiz, em vista da recusa formal do jurado e da lei não prevenir esta hypothese, fel-o substituir por outro e mandou autoal-o, para ser julgado como desobediente. Hoje repete-se a mesma scena no julgamento do *Crime da azinhaga da Ceboleira*, a que o mesmo jurado tem de comparecer. Bom seria evital-a, diz um collega nosso.

Y.

CARTA DE FOZCOA

31 DE OUTUBRO DE 1889.

Mais d'uma vez a nossa debil voz, despretenciosa e obscura, tem zoado n'este logar para frizar as gravissimas irregularidades commettidas no exercicio da alta missão de que se acha encarregado o actual medico do partido José Manuel Teixeira de Castro. Sempre e ainda hoje temos feito ver á camara quanto é prejudicial e calamitoso para a saude publica a conservação do medico de que vimos de nos referir, contra quem todos se revoltam e se enfurecem pela sua negligencia e má vontade manifestadas abertamente no exercicio do seu mister a que dedica a maxima repugnancia e desprezo. E' geral e unanime a conspiração contra similhante funccionario, sem dignidade nem brios, e que repelle

com modos verdadeiramente brutaes e indignos a mão do doente que vae examinar sem consciencia nem sciencia propria. Para elle tudo é nojo e desprezo; tudo lhe provoca o vomito e o escarneo, tudo o incommoda, tudo o inquieta sensivelmente.

Se entrar no albergue desprotegido do pobre, prestes a expirar, caminha como que arrastado e aguilhoado para a cabeceira do moribundo a quem lança um olhar de desprezo e indignação por o fazer incommodar e limita-se a receitar umas *garrafadas* sempre egualmente formuladas para todos os doentes ou uma molhadella de pés ou qualquer outra indicação de dieta mais ou menos rigorosa. Se é chamado para soccorrer outro doente mais abastado, a quem deva innumeraveis favores e considerações de toda a natureza, não aperta tambem o passo. Caminha sempre como que a puchar a um carro demasiadamente carregado e que para o mover é necessario grande força. Tanto faz que o doente esteja a expirar como que a molestia não seja perigosa. Os cuidados dispensados a uns são a todos. Considera todas as doenças debaixo do mesmo ponto de gravidade e n'este proposito não se apoquenta nem se incommoda com a saude publica.

Os leitores que tiveram a paciencia de ler os accordãos que ha tempo publiquei sobre a demissão do medico, tem já verdadeiro conhecimento das graves faltas por elle commettidas no exercicio da missão que tão vergonhosamente desempenha em Fozcôa, unica terra onde elle se poderia conservar como funccionario. Mas, é provavel que tudo acabe com o tempo.

Os favores que outro'ra lhe dispensaram os regeneradores para a sua conservação no partido municipal, quer tornando definitivo o contracto celebrado primitivamente pela camara e que acabava ao prazo de um anno, quer favorecendo-o mesmo particularmente n'uma crise munetaria que atravessou, favores e protecção essa dispensada com o principal e unico intuito de guerrearem o medico Almeida, originando assim a scisão do pae d'este funccionario e da familia Albuquerque, do partido regenerador onde se achavam desde o seu começo alistados, esses favores, repito, vão acabando como já alguns acabaram e acabarão de todo. E' porque entre os regeneradores, como entre os progressistas, entre o pobre como entre o rico, tudo está convencido de que é homem verdadeiramente inutil á sociedade debaixo de todos os pontos de vista. Nunca mesmo (é convicção nossa) o partido regenerador o teria aproveitado, se não fora com a resolução e proposito em que estava com a familia Almeida, que desejava guerrear.

D'essa lucta resultaram dois grandes males; um para o partido regenerador que perdeu uma maça poderoza, uma alavanca inexpugnavel originando-lhe o enfraquecimento das suas hostes até então invictas, e outro, o principal, para Fozcôa e demais freguezias que o medico é obrigado a soccorrer. E' tudo o que acabâmos de expôr uma verdade.

Os proprios regeneradores são hoje os primeiros a fazerem justiça aos nossos clamores por serem apoiados na verdade e na justiça. Elles proprios reconhecem a inhabilidade do medico para todos os ramos de serviço quer publico quer particular. Convenceram-se de que é um passo retrogrado e uma calamidade para todos a sua conservação n'esta villa. Para elle não ha considerações nem attenções por quem quer que seja. A ingratidão, filha do desleixo e desmazêllo e incompetencia de que se acha possuido, é o seu verdadeiro caminho. Tudo despreza para se recostar mollemente nas alfombras d'uma preguiça e negligencia ilimitadas, desconsiderando todas as pessoas que afflictamente lhe batem á porta para vir soccorrer o doente, ora negando a sua estada em casa, ora declarando mesmo (que ousadia) que não se incommoda em sahir. Um desaforo inaudito, uma prepotencia nunca vista! Onde está a camara d'este concelho que não acorda para tomar conhecimento d'estes factos?

Confiamos que a nova camara, possuida de melhores desejos do que a *sua antecessora, e sem se deixar* arrastar por facciosismos politicos, porá um dique a este estado de coisas, abrindo um inquerito ou devassa sobre os factos occorridos, que são de notoriedade publica e procedendo segundo os dictames da justiça e da legalidade na sentença final. Consta-nos que é uma das propostas de maior alcance a apresentar nas primeiras sessões da futura camara, e cujo proponente ficará bemquisto e considerado por todo o povo fozcoense. E' necessario expulsarmos de Fozcôa o empregado desleixado e incompetente, o melhor freguez do Ignez o Cavallaria.

— Estão no Porto os srs. Adriano Antonio Saraiva e Antonio Joaquim Ferreira Junior.

— Foi de 13640 réis a esmola tirada no passado domingo para N. S. da Veiga.

— Tem estado gravemente doente o sr. José Joaquim Ferreira Esperto, sub-diacono.

— Principiou já o calcetamento d'algumas ruas d'esta villa, de que foi arrematante o sr. José Joaquim Felix.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

A VINIFICAÇAO NOS CLIMAS MERIDIONAES

Um dos pontos que mais attrahiu a attenção da secção de vinicultura, do ultimo congresso internacional de Paris, realisado de 3 a 4 de julho passado, no palacio do Trocadero, foi o estudo da vinificação nos paizes quentes e dos processos proprios para a aperfeiçoar. Tomando como objecto das suas observações a Algeria e a Tunisia, a secção é de parecer que, n'estes dois paizes, a necessidade de procurar meios de regularisar a fermentação dos vinhos é uma das questões viticolas que sobreleva todas as outras. Com effeito n'estas duas colonias francezas a vinha desenvolve-se com grande vigor e as producções são abundantes; mas apesar d'isso, o vinho é muitas vezes defeituoso, sobretudo nas localidades situadas a uma attitude inferior a 600 ou 800 metros. Ahi as vindimas fazem-se no mez de agosto, começando muitas vezes na primeira semana d'este mez, sob uma temperatura de 35 a 42 graus, a qual faz desenvolver nos mostos uma fermentação quasi instantanea e muito tumultuosa.

Resulta d'aqui a producção rapida d'uma grande quantidade d'alcool, que bem depressa abafa a fermentação do mosto, ficando uma notavel quantidade de assucar por transformar.

N'estas condições, é-se obrigado a trasfegar rapidamente para que o mosto não azede; e o vinho assim obtido dá logo prova agradavel, é rico em côr e em alcool e ao mesmo tempo mais ou menos licoroso, mas chato; e quando começa o inverno ou chegam os primeiros calores brandos da primavera, apparecem frequentemente fermentações secundarias, que tornam o vinho azedo ou agridoce.

Quer dizer que os viticultores das regiões quentes da Algeria e da Tunisia, apesar de produzirem excellentes uvas, estão expostos a obter vinhos muito defeituosos.

O relator da secção viticola do congresso, depois de apontar estes factos, prescreve os remedios.

Recommenda a cultura das castas de maturação tardia e a vindima antes das uvas estarem muito maduras, afim de que os mostos tenham a acidez sufficiente, em relação com o excesso de assucar. D'este modo diminue-se a actividade da fermentação e os vinhos saem mais nervosos, mais limpidos e conservam-se melhor.

A temperatura, porém, exerce uma grande influencia nos phenomenos da fermentação; para a attenuar, os viticultores algerianos teem-se lembrado de expôr as uvas ao relento da noite, antes da pisa; mas além de que as noites de agosto são ali quasi tão quentes como os dias, a pratica d'este processo traz difficuldades nas grandes explorações, por exigir muito material e manipulações incomodas, e com a permanencia do grande calor os inconvenientes futuros não seriam evitados, apesar da fermentação correr em principio mais lenta e regular.

Teem-se lembrado tambem de deitar agua nos mostos, afim de lhes diminuir a graduação gleucometrica, juntando uma certa quantidade de acido tartarico e de œnotanino, para que a *composição normal do vinho não seja* alterada. Todavia, a commissão do congresso não toma sobre si a responsabilidade de recommendar este processo, que lhe parece de natureza a abrir a porta a abusos de lealdade bastante duvidosa.

E' sobre tudo nas vasilhas, nos lagares e nas cuvas que a commissão entende dever aconselhar modificações.

Ambas poderão ser de madeira ou de alvenaria com revestimento interior impermeavel, no genero das que se encontram em muitas explorações do meio-dia da França e na Algeria.

Quando as cuvas forem de madeira e estiverem dispostas em sitios onde a temperatura não possa manter-se relativamente baixa, poderão ser de paredes duplas, entre as quaes a agua circule constantemente fresca, ou então collocar dentro d'ellas uma serpentina, permanentemente alimentada com agua fria. Qualquer que seja o systema adoptado, é indispensavel conservar, por meio de uma ou mais grades de madeira, o *chapeu* imerso no mosto, para evitar a acitificação. E tambem se torna necessario sangrar a cuva na parte inferior, para representar o mosto da parte superior, com o que vae sangrado, pelos menos duas vezes em 24 horas. Esta operação, que se faz facilmente com uma bomba vulgar de trasfega, concorre, como nenhuma outra, para regularisar a fermentação. Por meio d'ella, as camadas liquidas são renovadas e misturadas, os mycodermas do vinho dessiminam-se por toda a massa do liquido, a ponto de que muitas vezes a fermentação recomeça quando estava quasi a extinguir-se. A commissão pensa que o principal melhoramento a introduzir na vinificação algeriana consistiria em obter nas uvas uma circulação do mosto lenta e continua.

A construcção dos lagares, adegas e cuvas deve merecer a maior attenção dos viticultores extra-meridionaes, de modo que sejam o mais possivel resguardadas das influencias exteriores. As paredes duplas separadas por um intervallo que se enche de materias isoladoras (palha, feno, etc.), á maneira das gelerias americanas, e as construcções subterraneas ou semi-subterraneas são as melhores para resguardar os vinhos das influencias externas. As coberturas devem sempre ser encimadas de palha ou do outra materia má conductora do calor, o a exposição virada ao norte com as janellas e portas necessarias para regular a ventilação e modificar a temperatura, conforme as circumstancias o exigirem.

Como se vê, as idêas da secção viticola do congresso não são novas; mesmo a que se refere á circulação continua dos mostos tem sido já realisada em Italia por meio d'um apparelho especial.

No congresso poz-se bem em evidencia a necessidade dos viticultores se associarem, em cada região, para a construcção de lagares e adegas, onde, em commum, poderão fabricar melhor e conservar os seus vinhos com mais facilidade e menor despeza.

A. F.

SECÇÃO LITTERARIA

NA ROMARIA

Era em agosto, de manhã muito cedo. O dia despontava vagoroso, com a preguiça de quem se levanta da cama n'uma manhã de inverno. Havia ainda sombras em todos os angulos, superficies banhadas n'uma claridade fraca e vacillante. Ao longe, no oriente, montanhas desenhavam-se, esfumeadas, vagas, indecisas, recortando os seus cabeços agudos e phantasticos no fundo esbatido do ceu. E á medida que o firmamento se innundava d'uma luz uniforme e branca, a lua empallidecia e descorava, submergindo-se lentamente n'aquelle oceano de luz.

Era a hora em que desperta a natureza inteira, quando os bois vão para o trabalho, bamboleando-se pachorrentamente, e triturando os rebentos tenros das vides, quando o rebanho sóbe a encosta dos montes, guiado pelo som plangente do chocalho e pela voz vibrante do pegureiro; quando os pesados carros de bois chiam na encruzilhada dos caminhos deixando no ar uma poesia simples e melancholica; era aquella finalmente a hora em que começa a grande vida dos campos, no meio das canções rusticas das ceifeiras e dos gorgeios abemolados das aves.

N'aquelle dia, porém, em casa do Manuel da Veiga, os bois tinham ficado a ruminar tranquillamente no curral, as ovelhas balindo no redil, e o carro guardado debaixo do telheiro. Ainda a estrella de alva scintillava no alto como um bico de gaz, açoutado pelo vento da noite, quando Manuel e os filhos partiram alegres, cheios de saude, para a romaria que distava bem duas leguas. Gottas d'agua, cahiam a espaços das arvores que orlavam os caminhos, e nos campos d'ervas rociadas pelo orvalho havia planices cravejadas de perolas, com scintillações argenteaes de prata despolida. Uma brisa cortante como arestas de diamante lapidado insuflava um ar fresco nos pulmões, e fazia agitar brandamente os ramos das arvores. E todos marchavam, uma alegria communicativa esparzida pelos rostos. O Manoel ia soberbo nos seus collarinhos engommados que lhe chegavam até ás orelhas; as filhas duas guapas mocetonas, com grossos cordões de oiro e lenços multicores traçados sobre os peitos altos e levantados, segredavam uma á outra, no meio de risadinhas seccas e maliciosas, escandalos em que figuravam raparigas conhecidas e rapazes lá do logar. E adeante o Pombo, um rafeiro que guardava os rebanhos na solidão dos montes, ia e vinha, meneando a cauda festivamente, e fitando no dono os seus olhos intelligentes e vivos.

Pouco a pouco o nascente começou a inflammar-se; á sua luz levemente rosada ao principio, succederam-se uns tons de purpura brilhante, como o clarão avermelhado d'um enorme brazeiro. E aos primeiros raios do sol nascente, que despontava sobranceiro ás montanhas d'alem, enchendo o espaço d'uma luz branca, forte, egual, corresponderam na terra os trinados dos passaros que despertavam no arvoredo, o zumbido surdo das abelhas, os bandos de borletas e um chiar rispido e secco de grillos no matto embrenhado das collinas. E emquanto o sol ia absorvendo a humidade fresca e hydrogenada da noite, os da Veiga marchavam sempre, a cara afogueada e coberta de suor, as saias apanhadas até ao joelho, os guarda-sóes azues abertos, e o Manoel com a jaqueta aos hombros, as botas enfiadas no varapau, ás costas, como um tropheu.

Estavam cançados já, quando emfim chegaram. Era no cimo do monte, no meio d'uma pequena clareira, que se levantava, modesta e despretenciosa, a pequena capella, que alvejava de longe como um farrapo branco a contrastar com os tons verdescuro da collina. Grupos de romeiros entravam e sahiam do templo: mulheres de caras tostadas pelo sol dos campos cumprirem promessas, arrastando-se pesadamente, como phocas, de joelhos, em volta da capellita. E o chão juncava-se de espinhas de peixe, e o ar do vozear continuo de toda aquella gente alegre e satisfeita. Fadistas de chapeu ao lado, calças estreitas prenhes de joelheiras, e alpergatas de linho com correias transversaes, seu cigarro ao canto da bocca, dois metros de vara de marmelleiro nas unhas, passeavam indolentemente, fitando olhares provocantes nas raparigas, altivas nos seus brincos compridos, e nos seus corações d'oiro polido, que tinham reflexos metallicios aos raios do sol coados por entre os ramos verdejantes das arvores. Sob grandes toldes de panno repousavam, em cima de carros de bois, pipas de vinho, e canecas brancas tiniam sem cesar passando de mãos para mãos. O Manoel da Veiga, já muito bebado, o andar vacillante, os olhos de pescada morta, embirra com um marialva que olhara para a filha mais velha. E de repente, no furor da embriaguez, agarrou-se ao pescoço do outro, tentando provocal-o a uma lucta corpo a corpo.—«Ai, desgraçado que te perdes!» berrou afflicta a mulher, forcejando por arrancal-o do contendor, em que se tinha engalfinhado.

Ia a passar a procissão: lavradores espadaudos, d'opas vermelhas, o passo magestatico, o santo sobre o andor, a musica atraz tocando compassadamente, gente que se ajoelhava na passagem do prestito, foguetes que rebentavam nos ares, enchendo de nodoas esbranquiçadas o azul do firmamento.

Uns acudiam curiosos; outros fugiam. Mas a rixa já não era só entre os dois; era uma boa dezena de paus que se erguiam, e abaixavam authomaticamente, fazendo uma sarilhada temivel que embaraçou a procissão. Só se viam tochas partidas, opas rotas, e o andor parado á espera que findasse o barulho. Quando de repente toda aquella enorme massa de povo tombou sobre o prestito já desmantelado, arrastando o pobre santo que cahiu no meio do chão com uma resignação verdadeiramente christã. Mas a tropa corria pressurosa, correias a tiracollo, bayonetas caladas.

E em pouco tempo tudo ficou limpo dos bulhentos e da immensa mole de gente, deixando a descoberta no meio d'um charco de sangue o cadaver do Manuel, a cabeça rachada de meio a meio, grandes escoriações pelas faces. E mais além outro infeliz, com o hombro quebrado, d'onde corria o sangue em fio, abundante, lentamente.

A noite alongava o seu manto de trevas por sobre a romaria. Tudo debandou, com a mesma alegria da vinda, entre gargalhadas estridentes e canções aldeãs. E na pequena clareira da capella, estendido sobre um feixo de palha, ficou só o corpo inerte, e já frio, o Manuel; perto, a mulher e as filhas ajoelhadas choravam silenciosamente, e o «Pombo», o pobre rafeiro, a cauda sem movimento, a cabeça no chão, fitava no dono os seus olhos agora meigos e doloridos.

João i Pnto.

A MACIEIRA

Jacques não era mau rapaz; um tanto vivo e incapaz de resistir ao primeiro movimento. Estudante de direito, muito trabalhador, imbuido de Schopenhauer, elle passava vida um pouco dura, baldo de dinheiro, dando lições, em summa comendo d'aquella vacca que até hoje nenhuma inoculação pôde preservar da raiva.

Não era mau rapaz no fundo. Mas o fardo começara a parecer-lhe por demais pesado, e, por vezes, sentiu revoltas, que o podiam levar um pouco longe. Um sabbado de verão, tendo o estomago e a bolsa vasios, furioso ao lembrar-se de uma excursão projectada para o dia seguinte, e da qual não podia participar por falta de dinheiro, poz-se a caminho atravez de Paris, atravessou os *fauburgs*, e finalmente, ás 8 horas da noite, achou-se na planicie de Aubervilliers, em uma estrada comprida, uma linha de giz na escuridão.

Então, insigne caiporismo! começaram a cahir grossas gotas de chuva, ao mesmo tempo que ribombava o trovão. Jacques não era poltrão, não tinha prejuizos, preoccupava-se muito pouco com o raio, mas incommodava-o a chuva, que molhava o seu paletot, precioso sob o ponto de vista orçamentario. Nenhum abrigo. A' direita e á esquerda, a planicie sem fim.

Afinal, por felicidade, uma arvore, uma só, uma macieira, levemente inclinada á similhança d'um homem embriagado com o chapéu cahido sobre a orelha. Jacques dirigiu-lhe uma pequena saudação e acocorou-se sob os ramos. A tempestade crescia de intensidade; evidentemente Jacques, que não era mau rapaz, sentia-se exasperado contra a sorte. Estas cousas só a elle succediam. A propria natureza lhe queria mal. Brandiu o punho contra as trevas, onde luziam sinistramente as fitas de aço da chuva, como se vê nos theatros.

*

— Brr! Brr! que tempo infame! —e, rosnando esta praga, um segundo personagem veio collar-se ao tronco da macieira, com as costas dadas a Jacques, que elle não tinha visto.

Evidentemente era um jogador retardatario, porque resmuneava entre dentes:

— Ora que pilheria! Voltar para Paris com um tempo d'estes e trazendo dinheiro commigo!

Jacques não era mau rapaz. Convém repetil-o ainda uma vez, porque, a partir d'este momento, poder-se-hiam conceber algumas duvidas a respeito do seu caracter.

Ouvindo as palavras d'este desconhecido, e convencido de que, mesmo com as sollicitações mais pollidas, não conseguiria um emprestimo, Jacques voltou-se de vagar por detraz da arvore, segurou o homem pela garganta, e, como era muito robusto, estrangulou-o. Cumprido este preliminar, tirou-lhe a bolsa, e affastou-se na direcção de Paris.

A macieira, que não se tinha mechido durante este incidente, pôz-se a acompanhal-o.

*

Não é de uso corrente, que uma macieira se ponha a seguir um homem que acaba de estrangular outro homem. Seria injusto accusar Jacques de fraqueza, sob o pretexto de que se mostrou um tanto surprehendido.

Ouvindo atraz de si, na estrada, o attrito das raizes no solo, voltou-se e viu a arvore que caminhava.

— Bom, agora tenho o espirito perturbado. Falta de habito, sem duvida. Com o tempo me acostumarei.

Retomou a marcha e a arvore continuou a seguil-o.

— Ou eu estou louco, reflectia Jacques, ou aqui se produz uma manifestação ainda inexplicada das forças naturaes. Mas d'aqui a pouco saberei tudo; porque não é possivel que os empregados da *barreira* deixem assim passar uma macieira, sem lhe pedir o passaporte. Mas, á entrada da cidade, os empregados não se incommodaram, e a macieira tambem mostrou não lhes dar importancia.

Pouco depois Jacques e a arvore achavam-se nas ruas de Paris.

Jacques meditava.

— Bem, já agora está provado que esta macieira é uma fórma visivel do remorso, como Banquo appareceu a Macheth, como a estatua do commendador a Don Juan. Este caso de allucinação é tanto mais extraordinario quanto não sinto nenhum remorso.

Esta macieira parece desconhecer todas as tradições. Que importa! Tenho dinheiro, passarei uma bella noite, e a macieira voltará para o seu logar ámanhã pela manhã. Estás bigodeada, minha querida!

Era, como se vê, um espirito calmo, e que sabia dobrar-se ás circumstancias. Apressou o passo, não para fugir da macieira, mas para repousar um pouco. Chegou á sua casa, rua do Sena. Em frente da porta, inquiriu-se a macieira tambem entraria, tendo quasi um sentimento de interesse por ella, pensando na estreiteza do corredor, onde certamente magoaria os ramos. Abriu a porta, tornou a fechal-a. A macieira tinha ficado fóra. Jacques teve um sorriso, não porque a macieira o constrangesse, mas porque a sua caseira não gostava de o vêr acompanhado, á noite.

Chegando ao quarto, Jacques, á luz de uma vela, verificou que a operação lhe tinha rendido 884 francos.

Subito, censurou-se por não ter pensado na macieira, que tinha representado muito discretamente o seu papel de vingador, e, levantando, a cortina, olhou para a calçada.

A macieira lá estava, calma, passeando sobre as lages.

Jacques deitou-se o dormir até á madrugada.

*

A's nove horas despertou. Batiam á porta. Levantou-se, estremunhado.

— Olé! Olé!

Eram os amigos que vinham procural-o para a pandega projectada. Muito alegre, foi abrir a porta, e o grupo de folgazões entrou.

Jacques metteu alguns luizes no bolso e desceu. A macieira, que o esperava respeitosamente no passeio, poz-se immediatamente a seguil-o, como um lacaio de casa nobre. Jacques, que não tinha prejuizos, dirigiu-lhe um pequeno sorriso, como a um antigo conhecido. Jacques mostrou a companhia um «luiz» que foi saudado por um hurrah.

— Rapaz, disse elle ao servente, offereça um calix de «vermouth» á minha macieira.

O rapaz, não comprehendendo, pareceu vexado.

Jacques deu uma gargalhada. Pareceu-lhe mesmo que a macieira, do alto dos seus ramos, tinha esboçado um gesto de recusa. Discutiu-se o itinerario, depois de decidirem ir para Nogent-sur-Marne, em caminho de ferro, Jacques pensou na estafa que tomaria a sua macieira, á qual, palavra de honra! elle já começava a havituar-se. A macieira, porém, acompanhou o comboyo sem pestanejar, firme e erecta, junto á janella do wagon, como um commandante de piquete junto á carruagem do soberano.

Porém Jacques, todo entregue á sua macieira, desprezava um pouco as graciosas amigas, das quaes uma, particularmente, experimentando por elle vivas sympathias, lhe dirigia doces admoestações.

— Tens ciumes da minha macieira? perguntou-lhe, rindo.

Macieira! Macieira!

E puzeram-se a cantar um d'esses estribilhos, que são a fanfarra da popularidade. Na estação havia uma confusão diabolica! Jacques quasi perdeu a sua macieira; mas nada é mais commodo do que ter, entre a multidão, um amigo de alta estima.

Elle viu-a sahir do meio do povo, e retomar fielmente o seu posto. Decididamente era uma macieira de confiança. Foram installar-se em um restaurante á beira do Marne.

D'esta vez, Jacques sentia-se constrangido. Não era inconveniente, antidemocratico, installar-se confortavelmente no terraço, como egoista, e deixar a sua macieira sósinha no caminho? Mas não ousou levantar-se.

*

O' doidas alegrias da mocidade! O' risos argentarios! O' francas orgias de fuchisma! A conversação crepitava, as mulheres despenteavam-se, os vinhos glutavam. Jacques experimentava um exquisito bem estar, tendo recentemente passado um periodo de privações. Exaltára-se mesmo um tanto mais do que era rasoavel.

Porém que admirar? Nem sempre a gente estrangula um homem, nem sempre ha uma macieira que faz guarda á porta do logar em que se está de pagode! Logo, a sua alegria excessiva era desculpavel, e achava echo nos seus amigos dos dois sexos.

Generoso, atirou uma taça de champagne sobre os ramos da sua macieira.

— Em canôa! em canôa! Para a ilha dos Lobos!

— Não, não, disse Jacques, talvez ella não saiba nadar.

— Quem?

— A minha mac...

— Macieira! macieira! A «scie» é patusca! Bravo!

Jacques enrubesceu um pouco. Aquella gente jámais o comprehenderia. Olhou para a consultar, e pareceu-lhe que a arvore não receiava um pequeno passeio pela agua, para lubrificar as raizes. Desamarraram a canôa. A arvore caminhou tambem, deslisou graciosamente pelo rio, junto da canôa.

*

A' noite Jacques estava abominavelmente bebado.

Gritou para os amigos:

— Vocês aborrecem-me todos! Largo-os e vou-me embora com a minha macieira...

Riram-se, tentaram detel-o, mas em vão. O ingrato, nem mesmo se importou com a supplica das damas.

Era noite. Chegou á margem do rio acompanhado pela macieira.

Jacques estava muito envergonhado, porque titubiava horrivelmente, humilhado perante a arvore, que, nada tendo bebido, conservava-se firme e impassivel. Jacques zig-zagava do modo mais deploravel, ao transpor a crysta de um barranco muito alto.

Precisando de um ponto de apoio, aproximou-se da sua macieira, e disse-lhe com a lingua presa:

— E's minha amiga... ampara-me...

E inclinou-se sobre ella.

Mas o seu corpo nada encontrou, perdeu o equilibrio e cahiu n'agua.

Teve uma congestão e morreu afogado. A macieira, ficando só, volveu tranquillamente para a planicie de Aubervilliers.

Jules Lermina.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 28

Relações dos europeus fallecidos em Cabo Verde, S. Thomé e Principe, Macau e Timor, durante o segundo trimestre de 1889.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio de Janeiro, referido ao dia 30 de abril do corrente anno.

Diario de 29

Publica varias manifestações de sentimento dirigidas á familia real pelo fallecimento de sua magestade el-rei D. Luiz.

Programma de ensino secundario nos lyceus.

Listas dos livros approvados para texto e leitura nas aulas primarias e secundarias.

Diario de 30

Movimento do pessoal consular nos mezes de agosto, setembro e outubro do corrente anno.

Mappa dos espolios sob a administração do consulado portnguez de Pernambuco, referido ao mez de fevereiro de 1889.

12

FOLHETIM

A. D'UMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

V

« Uns negociantes de penhores, que eu conheço muito bem, ricos á custa da miseria dos outros, que só costumam vir aqui uma ou duas vezes por anno, quando muito, e que trazem umas corôas de flôres contrafeitas, mas que flôres! Veem para aqui como para um passeio, um divertimento; riem-se, conversam, e mandam escrever sobre os tumulos versos, que nem elles sabem ler, e lamentações e lagrimas, que elles nunca choraram. E fazem depois escrupulos a respeito da visinhança dos mortos! Creia o senhor que não conheci esta rapariga, nada sei da sua vida, mas tive muita pena quando a enterrarami e agora, depois que vi esse rapaz ah; a chorar fiquei-lhe cá com um certo amor; e não ha em todo o cemiterio sepultura que eu trate com mais cuidado do que esta. As roseiras vendi-as pelo preço que me custaram; não quiz ganhar cinco réis n'ellas; e em quanto eu estiver n'este cemiterio não ha de o senhor ver uma só camelia murcha ao pé da sua sepultura. É a morta por quem eu sinto mais affeição. E isto é muito natural, porque nós afinal de contas somos obrigados a amar os mortos, visto que nem temos tempo de pensar em outra cousa.

Olhava espantado para aquelle homem, e alguns dos meus leitores comprehendem, sem que seja preciso explicar-lhes, o sentimento que despertaram na minha alma as suas palavras rudes e sinceras.

Elle percebeu-o, sem duvida, porque continuou:

— Ouvi dizer que havia pessoas, que se arruinaram por esta rapariga que está aqui enterrada, e tambem que tinha amantes que a adoravam; pois bem, quando penso que não ha um só que venha agora trazer-lhe uma flôr, acho isto curioso e triste. E ainda esta não tem de que se queixar. Compraram-lhe uma sepultura, e se não ha quem se lembre d'ella, esse rapaz vale bem por todos os outros; mas estão ahi pobres raparigas da mesma classe e da mesma edade na valla commum, que até fazia pena ouvir o seu corpo cair na terra. E ninguem mais se occupa d'ellas, depois de mortas. Já o senhor vê que não é lá muito alegre o nosso officio, não; eu cá, pela minha parte, custa-me isto; talvez porque tenho uma filha de vinte annos, e quando trazem para aqui uma rapariga morta da mesma edade, seja uma nobre dama, seja uma d'estas desgraçadas, não posso deixar de me entristecer. Mas eu já estou a enfastial-o com as minhas historias; o senhor não veiu aqui para me ouvir. Disseram-me que lhe mostrasse a sepultura de *mademoiselle* Gautier, ahi a tem. Se precisa mais alguma cousa...

— Sabe onde mora o sr. Armando Duval? perguntei eu.

— Mora na rua de..., n.°...; é lá pelo menos que eu fui receber o preço d'estas flôres.

— Muito obrigado.

E olhei ainda uma vez para aquella sepultura cercada de roseiras, desejando sondar a sua negra profundidade, para ver o que a terra tinha feito do corpo da gentil donzella, e afastei-me tristemente.

— Vae a casa do sr. Duval? perguntou o jadineiro que marchava a meu lado.

— Vou

— É porque me parace que elle não voltou ainda, porque, se voltasse, tinha vindo aqui immediatamente.

— Está convencido de que ainda se não esqueceu de Margarida?

— Não só estou convencido, mas até creio que o desejo que elle tem de a mudar de sepultura é só com o fim de a tornar a ver.

— Como assim?

— As primeiras palavras, que elle me disse, quando veiu ao cemiterio, foi: «Hei de vêl-a outra vez; quero vêl-a outra vez ainda.» Ora isto não podia ser, sem a mudança de jazigo, e eu ensinei-lhe todas as formalidades, que devia cumprir, para obter a licença precisa, porque bem sabe que para trasladar os mortos d'um tumulo para outro é necessario reconhecel-os, e só a familia póde auctorisar esta operação, a que tem de presidir um commissario de policia. Para conseguir auctorisação da familia, fez o sr. Duval agora esta viagem á provincia, á terra da irmã de *mademoiselle* Gautier; e se já tivesse voltado, a sua primeira visita decerto era para nós; já tinha vindo aqui ao cemiterio.

Chegavamos ao grande portão de ferro, que fecha a vasta necropole de Montmartre; agradeci de novo ao jardineiro, e parti logo em direcção á casa de Armando Duval.

Effectivamente não tinha voltado ainda.

Deixei um bilho, pedindo-lhe que viesse ver-me, apenas chegasse, ou que me indicasse o logar em que poderia encontral-o.

No dia seguinte, de manhã, recebi uma carta de Armando Duval, que me informava do seu regresso, e me pedia que fosse a sua casa, porque, exhausto de fadiga, não podia sair.

Parti immediatamente.

VI

Encontrei Armando no leito.

Estendeu-me affectuosamente a mão, apenas, me viu. Queimava.

— Tem febre? disse-lhe eu.

— Não é nada; a fadiga d'uma viagem rapida. Isto passa.

— Volta de visitar a irmã de Margarida?

— Sim; mas quem lh'o disse?

— Sei-o eu; e obteve o que desejava?

— Obtive sim; mas quem o informou da minha viagem, e do fim que me obrigou a fazel-a?

— O jardineiro do cemiterio.

— Viu a sepultura?

Custava-me a responder, porque o tom da pergunta povava-me ainda a commoção profunda, que dominava aquella alma ferida, subjugada pela desgraça irremediavel, e traía-se o esforço, que pretendia dar-lhe a serenidade da resignação.

Contentei-me, pois, com abaixar a cabeça, em signal affirmativo.

— O jardineiro trata d'ella? continuou Armando.

— Com todo o desvelo.

Duas grossas lagrimas rolaram nas faces do doente, que voltou a cabeça para as esconder. Fingi que não via, e procurei mudar de assumpto.

— Ha já tres semanas que partiu, disse-lhe eu.

Armando passou a mão pelos olhos, e respondeu-me:

— Tres samanas justamente.

— Fez uma longa viagem.

— Não, nem sempre viagei. Estive doente uns quinze dias. Se não fosse isso, gastava muito menos tempo. Tive uma febre violenta, que me obrigou a interrompor a jornada.

— E não esperou pelo seu completo restabelecimento?

— Se ficasse mais oito dias n'aquella terra, morria de desesperação.

— Mas agora que voltou, é preciso tratar da saude. Os seus amigos, e eu em primeiro logar, se m'o permitte, viremos todos os dias visital-o.

— D'aqui a duas horas levanto-me.

— Que imprudencia!

— Não ha remedio.

— Mas para que? Que negocio, por mais urgente, o póde obrigar a levartar-se n'esse estado de prostração e de fadiga?

— Preciso de fallar ao commissario de policia.

— Porque não encarrega alguem d'essa missão, que póde aggravar-lhe ainda mais a sua doença?

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

1 DE NOVEMBRO DE 1889.

Não ha nada importante. Na quinta-feira verificou-se a primeira assignatura regular do novo Rei, e verificou-se no paço de Belem. Todos os ministros assistiram com excepção do da guerra, que continua doente. El-Rei despacha com facilidade e conversa agradavelmente com os ministros sobre os negocios publicos.

— O sr. Antonio Ennes acaba de praticar um acto que o honra. S. ex.ª que é inspector das bibliothecas e archivos publicos, pediu licença ao ministerio do reino para reger interinamente, no anno lectivo, que vae abrir-se, a cadeira de bibliologia, do curso de bibliothecarios archivistas. Tendo essa cadeira sido creada por proposta sua, e sendo a bibliologia disciplina nova nos quadros da nossa instrucção publica, o meretissimo inspector julgou-se obrigado a regel-a para lhe determinar o programma que a lei de 1887 omittiu, e encaminhar os estudos dos empregados dos archivos da Torre do Tombo e da Bibliotheca Nacional, que desejam ser definitivamente providos n'elles. As lições começarão n'um dos primeiros dias do corrente mez. Mas esta resolução parece provar que s. ex.ª não tem tenções d'entrar na proxima recomposição ministerial.

— Está resolvido definitivamente que S. M. a Rainha a sr.ª D. Maria Pia vae residir, com o sr. duque do Porto, no palacio das Necessidades.

— Partiram ante-hontem para Italia, os duques d'Aosta. SS. AA. embarcaram ás 2 horas da tarde, no Arsenal da Marinha, dirigindo-se em seguida para bordo do *America*. Foram acompanhados até ao embarque por el-rei o sr. D. Carlos, e officiaes do serviço.

— Segundo informações officiaes emanadas de Roma, consta que o Santo Padre celebrará na proxima semana exequias solemnes na capella Sixtina, suffragando a alma de S. M. El-Rei D. Luiz. N'esta ceremonia funebre tomarão parte o Sacro Collegio dos Cardeaes, os varios collegios da Prelatura, o corpo diplomatico acreditado junto da Santa Sé e todos a quem compete pela sua cathegoria intervir nas funcções da capella pontificia.

— O sr. conde de Burnay pediu e obteve auctorisação para mandar photographar todas as corôas depostas no catafalco d'El-Rei D. Luiz, formando um album que offerecerá a Sua Magestade a sr.ª D. Maria Pia.

— Quasi todas as camaras municipaes do paiz teem enviado mensagens de pezames á familia real. A d'essa cidade foi das primeiras que se recebeu no paço e foi o sr. conselheiro Duarte Nazareth quem a apresentou.

— Na proxima semana deve verificar-se a missa campal por alma de El-Rei D. Luiz, no Campo Pequeno.

— Parece que o sr. dr. Antonio Candido será o orador nas exequias que a universidade de Coimbra vae celebrar por alma do sr. D. Luiz.

— Duas coincidencias occorridas em Bragança: Ao hastear-se no castello a bandeira pela morte d'El-Rei, a chuva e o vento despedaçaram-n'a; succedeu o mesmo á bandeira içada por occasião do fallecimento do sr. D. Pedro V. O sino grande da Sé quebrou quando começava a dobrar pela morte da sr.ª D. Maria II. Agora quebrou tambem quando tangia annunciando o fallecimento d'El-Rei.

— A sr.ª infanta D. Antonia, a angelica infanta, que não esquece a sua pequenina patria, aquella gentil princeza que Lisboa estremecia, dirigiu ao sr. presidente do conselho este sentido telegramma:

«*Sigmaringen, 20 de outubro de 1889.* —Sr. José Luciano, presidente do conselho, Lisboa.—E' com o coração dilacerado que lhe peço que diga em meu nome a todo o paiz quão grande parte tomo na dolorosa perda que acaba de soffrer, e á qual me associo de todo o coração. Deus proteja a minha patria, e possa ella de futuro prosperar como no reinado do rei defunto, que tão bem conhecia o caracter do povo de quem elle era a alma.—*Antonia*.»

— O partido regenerador apresenta ao suffragio lisbonense d'este domingo os seguintes candidatos: Barão de Valle Formoso, Joaquim José Pereira Alves e Manuel José d'Andrade. Diz-se que o partido votará na lista progressista, entrando n'ella estes tres cavalheiros.

— Chegou aqui e vae embarcar como primeiro piloto n'um dos vapores da nova Companhia de Navegação o sr. Augusto Dias Cura, moço de porte distincto, nautico intelligente e caracter dignissimo.

— Partiu já para a capital da Belgica, onde vae representar o paiz, o sr. Henrique de Macedo.

— Já regressaram a Lisboa o sr. Antonio José da Rocha, muito digno juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e sua ex.ma filha.

— O sr. cardeal patriarcha vae resignar, diz-se que por imposição de Roma, affirmando-se que já chegou a ordem para isso. O sr. patriarcha, como se sabe, é cardeal do titulo dos Santos Apostolos da Sagrada Egreja de Roma. O prelado resigna, como digo, por imposição do Vaticano, ficando a receber de Portugal, a titulo de subsidio, o sufficiente para viver junto dos seus collegas do Sacro Collegio, com o estado devido á sua gerarchia. Já ha muito que o papa desejava a resignação do prelado. O desastre de Salamanca retardou-a; parece, porém, que o deploravel incidente de S. Vicente de Fóra a determinou de vez.

— Sob o titulo—*Nós e os inglezes*—escreve um collega nosso d'aqui o seguinte:

«As ultimas noticias de Moçambique que dizem-nos que proseguiam em bom caminho as differentes expedições que teem sido enviadas para varios pontos da provincia, sendo já apreciaveis os resultados obtidos por algumas d'ellas. Paiva de Andrade e Victor Cardoso encontravam por toda a parte as provas mais evidentes da nossa valiosa influencia no sertão africano, e sem a menor violencia, sem dispararem um tiro; iam vendo correr a acceitar a nossa bandeira e a pedir o nosso protectorado ou o nosso dominio os povos onde chegavam. Antonio Maria Cardoso continuava colhendo os fructos da sua brilhante expedição ao Nyassa, vendo chegarem todos os dias a Quilimane novos regulos para ratificarem a sua vassalagem a Portugal. A expedição a oeste do Nyassa, ao territorio do importante regulo M. Pesene, fôra acolhida do modo mais favoravel. E quando nós, procura do mostrar de um modo bem evidente que não avançamos uma asserção gratuita, quando affirmamos a nossa grande influencia no sertão africano, quando procuramos confirmar as nossas allegações de direito com factos positivos e incontestaveis, tratamos de desviar qualquer pretexto, ainda o menos infundado, que se possa invocar, para justificar qualquer opposição ás nossas reclamações, é que os inglezes, com verdadeira deslealdade, se empenham em nos levantar por toda a parte as maiores difficuldades! O que se passou no Nyassa, e a que já mais de uma vez nos temos referido, não tem justificação nem desculpa plausivel.

Os inglezes estabeleceram na região do Nyassa as suas missões e as suas agencias commerciaes á sombra do favor e das concessões do governo portuguez. Nunca lhes recusámos auxilio e protecção, quando nos teem sido reclamados. Não obstante isso, porém, os nossos mais persistentes inimigos, os que mais combatem as nossas pretenções ácerca do dominio effectivo n'aquelle territorio são exactamente as sociedades de missionarios e as companhias que alli teem os seus representantes! E' talvez porque elles precisam, para se manter, impôr-se ao indigena pela violencia, e nós submettemos todo um vasto territorio só com enviarmos alli uma expedição pacifica e estabelecermos uma estação civilisadora.

Mas o procedimento de muitos annos, revelando uma ingratidão e uma má vontade sem egual, foi coroado de um modo que mal poderia esperar-se, attento o nome e o caracter do homem que tão notavelmente abusou do modo por que foi por nós acolhido. Quem conhece o illustre explorador e hoje consul de Inglaterra em Moçambique, o sr. Johnston, mal comprehende como elle julgou regular, digno e decoroso, solicitar um salvo conducto e as recommendações mais instantes para todas as auctoridades e delegados portuguezes e corresponder ao procedimento do illustrado governador geral de Moçambique, esforçando-se em revolucionar contra a nossa auctoridade os povos que habitam o alto Chire!!

Não sabemos como apreciará a Inglaterra o procedimento do seu representante consular, mas o que entendemos é que é nosso dever manter dignamente os nossos direitos e não nos deixar ludibriar por similhante fórma. Crêmos que a opposição do sr. Johnston e de todos os inglezes de Nyassa não terá obstado a que nós proseguissemos no caminho que nos é indicado pelos nossos interesses e pela necessidade de manter a nossa dignidade. Folgaremos que assim tenha sido.»

— Pelas 10 horas e meia da noite de hontem houve uma explosão de gaz no primeiro andar do predio n.º 54 da rua de S. Joaquim ao Calvario, de que é inquilina a sr.ª Thomazia Perpetua. Esta senhora, sua sobrinha e o creado da casa, Antonio Joaquim, ficaram queimados, sendo a primeira em todo o corpo, por tentar apagar o fogo originado pela explosão. Foi chamado um medico para fazer o curativo.

— Segundo uma carta de Paris, parece que estes ultimos dias tem attraído muito a attenção dos visitantes da exposição universal, na secção portugueza, um curioso mappa graphico genealogico dos reis de Portugal e duques de Bragança, feito pelo sr. Silva Pereira. O referido quadro acaba de ser premiado com uma mensão honrosa pelo jury internacional d'aquella exposição.

— Acabam de chegar alguns esculptores para trabalharem na fachada da estação central do ramal da Avenida.

— Foi publicada uma portaria determinando que o imposto para fundo de beneficencia publica dos alienados seja provisoriamente arrecadado nas recebedorias dos concelhos capitaes dos districtos.

— Foi interrompida a exposição dos projectos para o novo edificio do correio, emquanto no palacio do largo do Carmo não se arranjar uma sala apropriada para esse fim.

— Segundo uma estatistica, nos ultimos 4 annos foram para o Brazil 260:000 portuguezes. Que poderosas colonias se não iniciariam na Africa com esses braços!

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EDITAL

Manuel Ferreira Corrêa de Souza, Administrador substituto do concelho de Aveiro, em exercicio:

FAÇO saber que, tendo-se procedido ás diligencias da lei para ser intimado o mancebo José, filho d'Amelia de Jesus, da freguezia da Senhora da Gloria, d'esta cidade, não foi possivel encontral-o; e porque se ignora o seu paradeiro, fica pelo presente intimado o sobredito mancebo para, dentro de dez dias depois de findos oito contados da publicação do presente edital, se apresentar na secretaria da camara municipal d'este concelho a sollicitar guia de marcha para assentar praça na armada, na qualidade de supplente, n.º 14 do anno de 1888.

E para constar se passou o presente e outros.

Administração do concelho d'Aveiro 31 de outubro de 1889. Eu Francisco da Silva Carvão, escrivão, que o escrevi.

Souza.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aondo é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este villho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch para as pessoas fracas* ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

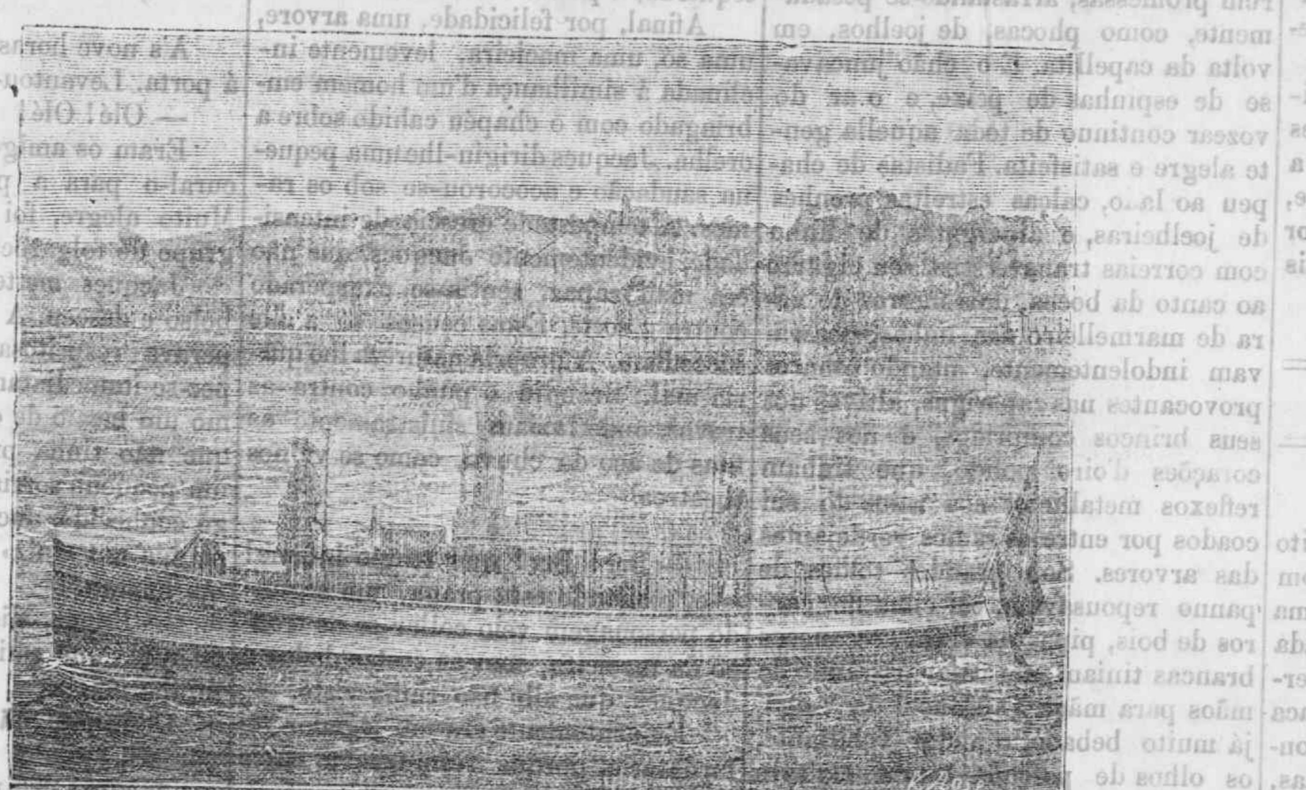
Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

DOENÇAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN
APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
ESTAS CAPSULAS CURAM SEM EXCEPÇÃO OS FLUXOS AGUDOS OU CHRONICOS. 100 CURAS EM 100 DOENTES
Tratados pela Academia.
COMPLEMENTO do tratamento pela
INJECÇÃO RAQUIN
MUITO UTIL TAMBEM COMO PRESERVATIVO
Exija-se a Assignatura RAQUIN e o Sello official do Governo Francez.
FUMOUZE-ALBESPEYRES. 78. Faubº St Denis. PARIS
E TODAS AS PHARMACIAS.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, Phᶜᵒ em PARIS.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

BOOTH STEAM SHIP COMPANY
EM COMBINAÇÃO COM
RED CROSS LINE MAIL STEAMERS
AS MAIS ANTIGAS LINHAS DE PAQUETES A VAPOR PARA OS PORTOS DO NORTE E BRAZIL
Do PORTO para o PARÁ e CEARA
DIRECTAMENTE
recebendo tambem carga e passageiros para MANAOS
CARREIRA MENSAL DE PAQUETES A VAPOR
GRANDE RAPIDEZ E ECONOMIA

Para carga e passageiros para os quaes tem magnificas accommodações, ou quaesquer informações trata-se com

os Agentes
A. J. Shore & C.ª
57 — *Rua dos Inglezes* — PORTO.

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto
A. J. Shore & C.ª
57—*Rua dos Inglezes.*

PHOSPHOROS DE CERA
SUPERIOR QUALIDADE A 750 RÉIS A GROSA
Vendem-se no deposito de tabacos, rua do Espirito Santo.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.ºs, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e un precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias do Portugal e da estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

FRANCISCO DA SILVA MENGO

com um prefacio do

DR. THEOPHILO BRAGA

Professor do Curso Superior de Lettras

Um volume nitido, em papel melado,, 500

MAIS UM TRIUMPHO
ALCANÇADO PELAS POPULARES
MACHINAS DE COSER
DA
COMPANHIA FABRIL SINGER
NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA
O PRIMEIRO PREMIO
MEDALHA D'OURO

E esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO
PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS
COMPANHIA FABRIL ‹SINGER›
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO
E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

GOTTA E RHEUMATISMOS
CURA certa pelo LICOR e pelas PILULAS do Dr Laville
Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos analysados e approvados pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr OSSIAN HENRY.
O LICOR toma-se para curar os accessos. — As PILULAS tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.
Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura
Venda por atacado em PARIS: COMAR, Pharmaceutico, rua St-Claude, 28
DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS
Laville D. M. P. da Faculdade de Paris.

COMPAÑIA GENERAL DE TABACOS
DE
FILIPPINAS
DEPOSITO, RUA DO ALECRIM, 20-A

As diversas marcas de charutos d'esta companhia vendem-se nas principaes tabacarias.

FERRO QUEVENNE
Unico APPROVADO pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS
É o ferro no estado puro e, desde 50 annos, reconhecido o mais poderoso dos ferruginosos para curar: ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS, DORES de ESTOMAGO, etc. — Vende-se; 1º em Pó; 2º em Grageas.
EM. GENEVOIX, 14, Rue des Beaux-Arts, PARIS. — Desconfie-se das imitações impuras.
Exijir o Sello da "UNION des FABRICANTS."

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por Decreto de 27de jhluo de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicado até hoje, incluindo os regulamentos para o serviço dos expostos e abandonados, e a arrecadação dos impostos directos e indirectos municipaes e parochiaes, e a tabella dos emolumentos do Supremo Tribunal Administrativo e seguido de um reportorio alphabetico.

Quinta edição. Preço, brochado, 300; encadernado, 460 reis. Pelo correio francs de porte a quem enviar a sua importancio em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

COLLECÇÃO COMPLETA

Da legislação sobre estabelecimento de cemiterios, enterramentos e trasladações, desde 1835 atè hoje.

Preço 400 reis do cada volume de 112 paginas.

Esta collecção que é de grande importancia para as camaras municipaes, juntas de parochia, irmandades e confrarias, vende-se na «Livraria Archivo Juridico, de A. G. Vieira Paiva, editor, rua do Bomjardim, 67—Porto.

JACK, O ESTRIPADOR

ROMANCE DE ACTUALIDADE

Illustrado com gravuras.—Recente producção de James Middleton, ácerca dos crimes de Londres.—10 reis cada folha, 10 reis cada gravura. Lisbo e Porto, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega.—Provincia, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Assigna-se no escriptorio da administração, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplondidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedrosó, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

A FORMOSA CONSPIRADOR

ROMANCE MODERNO

POR

PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora. paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte de 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

METHODO JOAO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e das dos respectivos diplomas.

OS EXPLENDORES DA FE

Accordo perfeito da revelação e da sciencia, da fé e da razão, pelo revd.mo Moigno, conego de S. Dionizio.—Versão portugueza do padre Francisco Manuel Vaz.

Antonio Dourado—Editor

PORTO

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos*.

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

HISTORIA

DO

MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, o que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram n'este trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importannia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archives, alguns dos quaes veem a luz publica pela primeira vez.

N preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 1$500 reis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na séde da *Bibliotheca historico-portugueza*—Lisboa rua de S. Bento 260—onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO